

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | **Ladislau Dowbor:** A melhoria da renda não é sinônimo de aumento da classe média

PÁGINA 08 | **Guilherme Delgado:** A notícia é essa: temos uma nova classe rica

PÁGINA 11 | **Luiz Werneck Vianna:** A classe média é uma presença forte hoje na sociedade e na política brasileira

PÁGINA 15 | **Cesar Benjamin:** Conceito de uma nova estrutura social não convence

PÁGINA 17 | **Waldir Quadros:** A classe média aponta para o forte predomínio do individualismo e do consumismo

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 21 | **Leyla Perrone-Moisés:** Roland Barthes: o intérprete dos signos

» Teologia Pública

PÁGINA 24 | **Francisco Silva:** “A Igreja não pode estar desconectada do mundo”

» Invenção

PÁGINA 27 | **Reynaldo Damazio**

» Destaques On-Line

PÁGINA 30 | **Destaques On-Line**

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 34 | **Telmo Adams:** Trabalho associado e ecologia: em busca de uma racionalidade ética, terna e democrática

» Perfil Popular

PÁGINA 37 | **Maria Noeli Soares**

» IHU Repórter

PÁGINA 38 | **Dagmar Sordi**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A melhoria da renda não é sinônimo de aumento da classe média

Importância do reequilíbrio regional brasileiro: Ladislau Dowbor aponta que não só está havendo crescimento, como está havendo mais crescimento nas regiões mais pobres

POR GRAZIELA WOLFART

“Quando as pessoas começam a comemorar porque estamos diante de uma grande classe média, portanto o Brasil está acomodado e estamos bem, significa que não estão vendo a imensa desigualdade regional herdada, a desigualdade de remuneração entre homens e mulheres e as desigualdades menos medidas, como as de raça.” A afirmação é do professor Ladislau Dowbor, em entrevista concedida por telefone para a IHU On-Line. Para ele, “a tese de que as pessoas, ficando um pouco mais prósperas, se acomodam, não é comprovada por nenhuma estatística”. Dowbor destaca ainda a melhoria da renda da população brasileira em geral, mas considera arriscado dizer que isso é sinônimo de aumento da classe média.

Economista e professor no PPG em Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Ladislau Dowbor é formado em Economia Política, pela Universidade de Lausanne, Suíça, e doutor em Ciências Econômicas, pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, Polônia. Seu livro mais recente é *Democracia Econômica – Alternativas de gestão social* (Petrópolis: Vozes, 2008). Confira na página pessoal do pesquisador <http://dowbor.org> artigos e publicações.



Divulgação

IHU On-Line - Podemos identificar realmente uma nova classe média? O que poderia ser caracterizado como essa nova classe social?

Ladislau Dowbor - O primeiro ponto é saber se podemos classificar de “nova classe média” o que era antigamente considerado como classe média: uma burguesia dona de pequenos meios de produção, de pequenas empresas, de comércio e iniciativas empresariais de pequeno porte. Era o que chamávamos de pequena burguesia. Esse tipo de classe média mudou bastante de caráter, pela mudança, inclusive, das próprias profissões. A ascensão atual está relacionada ao acesso ao emprego formal e acho muito exagerado qualificar isso como aumento da classe média. No conjunto, temos uma massa de gente que vive com bastantes dificuldades e é extremamente ampla. Chamamos de “classe média” porque

ela está ali no meio. Em termos de renda, é uma massa de gente que não se compara, por exemplo, com essa imensa classe média que temos na Europa ou em países desenvolvidos.

IHU On-Line - Então existe diferença entre dizer que um conjunto de pessoas entrou na classe média e um conjunto de pessoas saiu da pobreza?

Ladislau Dowbor - Exatamente. A partir de uma visão estatística, temos aquelas pessoas “do meio”, que são aquelas que chegaram a certos confortos elementares, como a geladeira em casa, por exemplo. Mas, se levamos em consideração o peso que representa para essas pessoas a conta do telefone, do celular e as dívidas bancárias, chegaremos à conclusão de que elas compõem um segmento social ainda extremamente exprimido. O fato de que mais pessoas estejam no

meio da escala social não deve encobrir o fato de que o Brasil ainda é um país essencialmente organizado para o terço mais próspero e com uma imensa massa de exclusão social. O Brasil sempre teve a tendência de reduzir a pobreza ao que aqui se chamavam de “bolsões”. Esse bolsão é tranqüilamente a metade da população brasileira, portanto um bolsão razoável. No caso da pesquisa do IPEA, constata-se que 51% da população estava na informalidade. Como no governo atual os avanços têm sido muito significativos na formalização do emprego, temos avançado bastante nesse processo, mas relativamente, numa situação de imenso atraso. A direção é positiva, mas o caminho a andar ainda é longo, para que possamos dizer que temos tantas pessoas incluídas assim.

IHU On-Line - Além do aumento do

salário mínimo e das políticas sociais de erradicação da pobreza e da fome, que outros fatores ajudam a compreender esse fenômeno?

Ladislau Dowbor - Há um processo em curso. Talvez a excessiva insistência sobre a classe média não seja tão adequada, pois é o conjunto da população que está começando a melhorar a sua situação. A última pesquisa do IPEA mostra que houve uma fortíssima redução das pessoas ditas indigentes (que têm uma renda de até um quarto do salário mínimo¹), baixando de 14% para 7%, ou seja, houve um corte pela metade. Isso é extremamente importante, pois são pessoas jogadas em situações de crueldade, sem oportunidades para sair da miséria em que foram relegadas. Os chamados “pobres”, que ganham até metade do salário mínimo, tiveram uma redução muito forte, em torno de 7% e isso é muito significativo. A parte de baixo está subindo, mas a mesma pesquisa mostra que houve um grande aumento dos muito ricos no país, que estão beirando agora meio milhão de pessoas. Há um processo de avanço geral, que engorda as faixas estatísticas de cima. Esses são os resultados e, por trás, temos mecanismos. Os mecanismos básicos resultam de uma convergência de fatores e é bom especificá-los. Existe a expansão do emprego (provavelmente esse é o mais importante), que na gestão do atual governo é da ordem de 10 milhões de empregos e isso é gigantesco, ainda mais porque de três a cada cinco são empregos formais. Temos, também, um segundo eixo de imensa importância que é o resgate do salário mínimo no país. Há diversas cifras, mas a realidade é que, no conjunto, a capacidade de compra do salário mínimo no Brasil mudou radicalmente. Em relação à ordem de grandeza, podemos dizer que aumentou quase um terço a capacidade de compra das pessoas com o salário mínimo. E, como o salário mínimo é referência para as aposentadorias, elas também tiveram uma forte elevação. Trata-se de uma área esquecida, mas as pessoas aposentadas, em geral, vivem numa situ-

1 Atualmente, o salário mínimo brasileiro é de R\$ 415,00. Um quarto do salário mínimo representa o valor de R\$ 103,75. (Nota da IHU On-Line)

ção extremamente precária. O país sempre foi muito cruel com os que deixaram de fazer parte da população ativa.

Políticas redistributivas para dinamizar as atividades

A isso temos que acrescentar, evidentemente, o Bolsa Família, que atinge cerca de 50 milhões de pessoas, além do Pronaf,² que atinge uma ordem de grandeza de oito milhões de pessoas, num apoio importante a processos produtivos. Nesse momento, ainda não se sente o impacto, o que vai acontecer dentro de alguns anos, do Programa Territórios da Cidadania³. São 11,3 bilhões de reais para 958 municípios inicialmente e o dobro no ano que vem. Esse último ainda não entra no nível dos impactos, mas os outros constituem uma convergência de uma política que é relativamente nova no Brasil, que não consiste em enriquecer os ricos. Na ordem comum, os ricos investem, geram empregos, e, portanto, melhoram a situação do povo. Agora, procede-se de maneira inversa: redistribui-se a renda para segmentos mais fragilizados, que aumentam a demanda, dinamizam a pequena produção e, gradualmente, dinamizam a conjuntura econômica de todo o país. Finalmente, termina repercutindo de maneira positiva para os próprios ricos, ao se elevar a taxa de crescimento. Essa dinamização pela redistribuição de renda, via Estado, e a geração de um fluxo de demanda que dinamiza o conjunto de atividades, é uma visão tradicional, keynesiana⁴ (para citar a

2 Pronaf: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Tem como objetivo promover o desenvolvimento sustentável aos agricultores de pequeno porte e que empregam mão-de-obra majoritariamente familiar. (Nota da IHU On-Line)

3 Territórios da Cidadania: novo programa do governo federal, lançado em fevereiro de 2008, que reúne 135 ações de desenvolvimento regional e de garantia de direitos sociais. Combina diferentes ações para reduzir as desigualdades sociais e promover um desenvolvimento harmonioso e sustentável. (Nota da IHU On-Line)

4 John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 02-05-005, outra

teoria econômica), mas que está funcionando. O processo que ocorre é esse: nas regiões mais golpeadas pela pobreza no Brasil, onde houve aportes, é interessante constatar que o processo é mais forte ainda. A PNAD 2007 constata que em um ano houve um aumento de renda oriunda do trabalho (média) no Brasil da ordem de 7,2%, sendo que no Sudeste foi de 6% e no Nordeste de 12%, ou seja, não só está havendo crescimento, como está havendo mais crescimento nas regiões mais pobres. Esse é outro tipo de reequilíbrio que o Brasil precisa: o reequilíbrio regional e não só entre classes sociais.

IHU On-Line - Mas a desigualdade ainda é grande, professor...

Ladislau Dowbor - Bato palmas para o que você diz, porque é exatamente o que eu digo. Estamos caminhando na direção certa, mas com bastante atraso diante de um imenso caminho que há pela frente. Quando as pessoas começam a comemorar porque estamos diante de uma grande classe média, portanto o Brasil está acomodado e estamos bem, significa que não estão vendo a imensa desigualdade regional herdada, a desigualdade de remuneração entre homens e mulheres e as desigualdades menos medidas, como as de raça.

IHU On-Line - O senhor não acha irônico comemorar que mais pessoas saíram da indigência para viver na pobreza?

Ladislau Dowbor - As coisas são relativas. Posso dizer que isso é indiscutivelmente positivo, mas é apenas o início de uma caminhada. Nesse sentido, vejo que qualquer oposição a essas políticas é simplesmente burra em termos de compreensão das dinâmicas. Devemos, sim, fazer oposição ao governo, pressionando-o para que ele faça muito mais, mas não para

entrevista na 144ª edição, de 06-06-2005, dois artigos na 145ª edição, de 13-06-2005, e um artigo nos *Cadernos IHU Idéias* número 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho. No próximo mês de setembro, Keynes será o autor a ser estudado no *Ciclo de Estudos em Educação a Distância (EAD) – Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU (Nota da IHU On-Line)

travar essas políticas redistributivas. É importante entender que a tese de que as pessoas, ficando um pouco mais prósperas, se acomodam, não é comprovada por nenhuma estatística. Os pobres, quando têm um pouco mais de renda, se tornam mais ativos, porque o pouco dinheiro que têm se torna um trampolim para um conjunto de atividades: passam a querer consumir mais e melhor, a querer mais coisas para seus filhos, para suas famílias, querem melhorar o telhado da casa, melhorar o equipamento doméstico etc., e isso gera um estímulo de dinamização.

IHU On-Line - O senhor aponta um estímulo ao consumo. Mas como define o perfil da classe média em função de um possível conformismo social e político?

Ladislau Dowbor - Em inúmeros países onde vemos muitos avanços econômicos, constatamos que as classes médias costumam ser as mais radicais. Em geral, não são os pobres os que mais agitam e ameaçam. O paralelo entre movimentos políticos e o nível de renda não é correto, não se comprova. Basta lembrar que os grandes movimentos sociais durante a ditadura, por exemplo, eram fundamentalmente de classe média. Isso envolve um processo de tomada de consciência, que é muito mais importante do que simplesmente simplificar com a condição de “barriga cheia”. O que acontece, entre os pobres, exige que eu lembre uma cifra mais ampla, porque essa temática da inclusão está sendo discutida no plano internacional. Não somos uma ilha. O Banco Mundial publicou um documento que se chama “Os próximos quatro bilhões”, que constata que no Planeta quatro bilhões de pessoas não têm acesso ao que se chama de os benefícios da globalização. São quase dois terços da humanidade. Construir uma dinâmica de inclusão dessa imensa massa de gente, que está ficando de fora da modernização, é algo vital. Por isso, as políticas sociais no Brasil estão sendo acompanhadas com tanta atenção internacionalmente. Vamos encontrar as experiências do Brasil analisadas em documentos internacionais da Europa, do Banco Mundial, das Nações Unidas etc., porque há uma

consciência de que o conjunto das políticas que o Brasil está desenvolvendo (são mais de 100 programas sociais) é algo inédito internacionalmente. O sistema, tal como é, com suas corporações e com esse tipo de mecanismo de gestão capitalista atual, não inclui as pessoas de maneira ampla. De um lado, temos uma política redistributiva, que tenta empurrar o “andar de baixo”, mas, por outro lado, temos um sangramento de recursos por especuladores financeiros, por rentistas de diversos tipos, que trava fortemente o processo de dinamização da economia. Isso é importante para entender que a desigualdade não vem do século XIX. Ela está sendo reproduzida por determinados mecanismos hoje.

IHU On-Line - Considerando essa melhora, que futuro podemos vislumbrar para os próximos cinco anos no Brasil? Que tendências se apresentam, lembrando que daqui a dois anos teremos troca de governo federal?

Ladislau Dowbor - Qualquer que seja o futuro governo, há algo novo no cenário político, que é o esclarecimento das classes mais pobres, dessa metade mais pobre da população, onde não vamos mais encontrar aquele matuto perdido no interior, que acha que as coisas são assim e sempre vão ser assim. As pessoas assistem à televisão, conversam, muitas passaram pela escola e sabem que é possível viver de outra maneira. A pressão que se gerou no Brasil se manifestou fortemente na votação do segundo turno e se manifesta nos movimentos em toda a América Latina. Acredito que, mesmo com a mudança de governo, é difícil que haja fortes retrocessos. O eixo de reduzir as grandes tensões sociais e regionais da hierarquia social tende a se manter. Um segundo eixo é o ambiental, que abre relativamente menos uma ameaça do que uma oportunidade. Somos o país com a maior reserva de terras paradas no Planeta hoje. Nós temos água e temos clima. A agricultura hoje tem preço, uma imensa demanda mundial, e o Brasil está com a faca e o queijo na mão. Vai depender de aproveitar essa oportunidade de mercado.

IHU On-Line - Como entender a de-

monstração da pesquisa do Ipea, que aponta que os ganhos de produtividade do trabalho estão crescentemente acima dos ganhos propriamente salariais? Como falar de aumento da classe média em uma sociedade onde temos uma progressiva redução do salário em relação aos ganhos possibilitados pelo trabalho?

Ladislau Dowbor - Isso é planetário. Está gerando imensas tensões nos Estados Unidos, na medida em que os imensos avanços de produtividade, em função dos avanços das tecnologias, não têm revertido para a massa da população e têm se transformado cada vez mais em processos especulativos, que inclusive geraram os desequilíbrios atuais naquele país. No Brasil, o aumento de produtividade do trabalho foi da ordem de um pouco mais de 20% e o aumento dos salários dessa produtividade foi de apenas 10%. É uma perda de posição dos salários dentro do conjunto de acesso à renda. Isso pode ser um efeito diferente da formação de uma dita classe média, mas deve reforçar a mobilização dos trabalhadores, porque, para o futuro do país, é essencial que haja um equilíbrio da progressão econômica, no mínimo, para se equilibrar a progressão dos “de baixo” e dos “de cima” e, se possível, acelerar mais a renda dos “de baixo”. Na medida em que for progredindo a expansão do emprego, acredito que caminharemos para uma capacidade de pressão maior dos trabalhadores. A mais longo prazo, precisamos evoluir para colocar no debate a redução geral da jornada de trabalho, o que se chama de “trabalhar menos para trabalharem todos”.

IHU On-Line - Qual a contribuição da renovação etária na economia para esse aumento da chamada “classe média”?

Ladislau Dowbor - Estamos numa fase de progressão da parte não ativa da população, a parte idosa da população, que está aumentando com rapidez. Isso ainda é resquício de quando, nos anos 1950, 1960, tínhamos taxas de natalidade muito altas. Esse processo, dentro de algumas décadas, vai se equilibrar. Nesse momento, a relação entre ativos e inativos vai ten-

cionar, evidentemente, a previdência. Como o Brasil tem uma imensa capacidade de expansão de sua capacidade produtiva, gerar mais demanda não é uma tragédia, mas um estímulo para o aparelho produtivo. A curtíssimo prazo, isso pode tencionar os preços, mas nunca é uma ameaça real do “dragão” que reaparece e outras bobagens do gênero.

IHU On-Line - Podemos estabelecer relações entre essa euforia diante do aumento da dita classe média e uma possível mudança ideológica do PT?

Ladislau Dowbor - Em geral, os partidos tendem a ter menos peso, enquanto que os movimentos sociais tendem a ter mais peso nos movimentos políticos. Vivemos numa sociedade muito mais interativa. Muito mais gente pertence às mais variadas associações e movimentos do gênero. São novas tendências. Dentro do PT, a classe média sempre foi forte, porque é bastante forte em todos os processos decisórios, pelo próprio acesso privilegiado à educação. Há também o reverso, que é importante: cada vez mais as pessoas têm consciência dos seus direitos e das possibilidades de viver melhor. Na história tradicional do Brasil, a política se deu sempre no andar de cima, até a chegada da democracia. A tomada de consciência e a organização de movimentos sociais nos meios mais pobres está transformando a situação e isso pelos mais variados mecanismos. As pessoas passaram a se articular e, com isso, a política deixa de trabalhar apenas com indivíduos. Os movimentos estão se tornando cada vez mais presentes na política, e o PT terá de levar isso muito mais em consideração. Aquela visão tradicional da hierarquia, da pirâmide de poder, dentro dos partidos, é um processo que está mudando.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Ladislau Dowbor. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* *A lógica do sistema é simplesmente insustentável ambientalmente.* Notícias do Dia do sítio do IHU, de 15-04-2007

* *Catástrofe em câmara lenta. Voltar ao bom senso, eis o desafio!* IHU On-Line número 258, de 19-05-2008

A notícia é essa: temos uma nova classe rica

Para o economista Guilherme Delgado, as estatísticas mostram que a classe rica enriqueceu muito nos últimos anos e a classe muito pobre melhorou um pouco. Mas a classe média encolheu

POR GRAZIELA WOLFART

Ao tentar definir o que entende por classe média, o economista Guilherme Delgado, em entrevista concedida por telefone para a **IHU On-Line**, afirma: “Classe média é um conceito mais sociológico do que puramente econômico. É um conjunto de ocupações e funções da sociedade dentro da economia que dão acesso a poder, riqueza, bens socioculturais, e a uma certa modernidade. Não vejo isso nessa classe média estatística”. O professor constata, a partir das recentes pesquisas sobre o aumento de renda dos brasileiros, que o emprego formal e política social do governo promoveram um avanço da parte muito pobre da população. “Estamos elevando o patamar de renda da classe baixa pelo acesso a benefícios sociais do Estado de bem estar e por um certo crescimento da ocupação. (...) Mas isso não configura nem uma nova classe média, nem uma redistribuição de renda no sentido de equidade, de solução das questões do bem-estar. Isso está a quilômetros de distância”, alerta.

Guilherme Delgado é pesquisador do Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (IPEA) e doutor em Economia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

IHU On-Line - Podemos identificar realmente uma nova classe média brasileira?

Guilherme Delgado - Essa pergunta provavelmente se refere a uma consideração de classe média em termos estatísticos de níveis de renda. E, nesse sentido, não há como se afirmar tal proposição. Na realidade, temos visto um processo de concentração no topo da pirâmide social e um avanço de algumas categorias de base para uma configuração um pouco melhorada de renda. Mas a classe média mesmo tem sofrido perdas significativas de *status* e de tamanho econômico. Não creio que haja uma nova classe média no sentido dos países desenvolvidos, que têm um nível de renda, de escolaridade, de acesso a bens culturais. A classe média do ponto de vista estatístico, na PNAD

de 2005, tinha uma renda média, por domicílio, de R\$ 1.426,00 e uma renda *per capita* de R\$ 744,00. Fazendo pequenas adaptações de 2005 para cá, temos um pequeno incremento desses valores, mas estamos situados num nível de renda monetária muito baixa ainda.

IHU On-Line - O que poderia ser caracterizado como classe média?

Guilherme Delgado - A mídia, quando fala em classe média, está mencionando a classe pesquisada e investigada pelas instituições de caráter mercadológico (classes A, B, C e D). São níveis de renda para vender produção. A classe média, em qualquer instituição, é a classe que fica no meio. Como conceito sociológico, ela precisa ter um perfil socioeconômico, cultural e de capacidades que

lhe dê muito mais autonomia em relação a uma leitura propriamente estatística. E isso eu não vejo configurado no atual quadro. Vejo a emergência de uma base de pirâmide ainda num patamar muito baixo de renda econômica, que não pode configurar uma classe média segundo o padrão que o Brasil elegeru.

IHU On-Line - Que outros fatores sociais e políticos ajudam a compreender esse fenômeno de crescimento da renda dessa fatia da pirâmide?

Guilherme Delgado - Classe média é um conceito mais sociológico do que puramente econômico. É um conjunto de ocupações e funções da sociedade dentro da economia que dão acesso a poder, riqueza, bens socioculturais, e uma certa modernidade. Não vejo isso nessa classe média estatística. São duas pesquisas distintas a da FGV e do Ipea. A pesquisa do Ipea é sobre o perfil de rendimentos e da ocupação no mercado de trabalho. Ela mostra que há um avanço da ocupação formal, com carteira assinada, ou qualquer forma de vínculo empregatício nos últimos sete anos. Esse avanço se dá, basicamente, nas ocupações com dois ou até três salários mínimos. Portanto, o emprego formal nesse patamar tem se elevado, o que representa, junto com outros fatores da política social (os benefícios da seguridade social, da previdência, da assistência), um avanço da base da pirâmide, a parte muito pobre, para uma situação ocupacional e de rendimentos mais favorável. Estamos elevando o patamar de renda da classe baixa pelo acesso a benefícios sociais do Estado de bem-estar e por um certo crescimento da ocupação, em função de vários fatores, como o crescimento econômico, e também pela própria dinâmica da política social. Mas isso não configura nem uma nova classe média, nem uma redistribuição de renda no sentido de equidade, de solução das questões do bem-estar. Isso está a quilômetros de distância. É preciso ter cuidado com essas informações estatísticas, meio imediatistas, que, no afã de afirmar determinadas virtudes do modelo do sistema, do governo, terminam manipulando informações que não procedem. A distribuição de

renda na sociedade e a sua destinação a diversos grupos sociais é aferida muito mais pela chamada distribuição “trabalho – capital” do que por essas pesquisas ocupacionais e da PNAD, que são muito restritas. E, na distribuição de renda “trabalho – capital”, as fatias continuam muito desiguais, ou seja, temos menos de 50% dos rendimentos do trabalho e da seguridade social apropriados por toda a população economicamente ativa. Enquanto isso, os outros 50% (ou mais) vão para uma fatia extremamente pequena da população, o que permanece. A notícia é a de que temos uma nova classe rica, que enriqueceu muito nos últimos anos. A classe muito pobre melhorou um pouco, e a classe média encolheu. Esse que é o resultado mais significativo dessas análises.

“A política de juros altos é contra o crescimento econômico. Só beneficia quem tem riqueza financeira diretamente envolvida no processo de financiamento do Estado”

IHU On-Line - Então, a saída das pessoas da pobreza não significa que elas estejam entrando na classe média?

Guilherme Delgado - Não. A não ser que se use um conceito de classe média puramente estatístico. Se pegarmos a distribuição e dividirmos pelo número de pessoas, simplesmente a média aumenta um pouco quando melhora a situação dos “de baixo”. Isso tem ocorrido. Os índices de Gini,¹ que medem a distribuição de

¹ O Coeficiente de Gini é uma medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini, e publicada no documento “Variabilità e mutabilità”, em 1912. É comumente

renda, têm mostrado melhora. Mas isso não significa que mudamos a forma de repartir a riqueza no Brasil, que temos uma nova classe média, com um estado de bem-estar reconfigurado. Repito: isso está a quilômetros de distância. E aí faço menção clara de que a pesquisa do IPEA não afirma a existência da classe média, nem que há mudança na distribuição funcional da renda. Ela afirma que há distribuição pessoal dos ganhadores de salário e rendimentos do trabalho. Isso, sim, melhorou em função desses dois fatores: crescimento da ocupação formal e dos gastos da seguridade social.

IHU On-Line - Vemos mais um aumento no consumo, não é?

Guilherme Delgado - Isso provoca, sim, um aumento no consumo de bens e artigos gerais, como alimentos. Está acontecendo uma concentração no topo da pirâmide, nos 5% mais ricos, e isso avança significativamente a concentração da riqueza, que não é medida nas pesquisas nacionais de amostragem por domicílio, porque essas pesquisas só pegam rendimento do trabalho e da seguridade. Rendas do tipo lucros, juros, aluguéis não entram aqui.

IHU On-Line - Podemos falar de classe média em uma sociedade onde temos uma progressiva redução do salário em relação aos ganhos possibilitados pelo trabalho?

Guilherme Delgado - Na pesquisa do Ipea e outros indicadores que estamos observando, constatamos que há um aumento significativo do emprego de trabalhadores nas diversas atividades comerciais, industriais e de serviços até a faixa dos três salários mínimos. Acima desse patamar, não há aumento de emprego. Os setores mais dinâmicos da economia, que têm maior necessidade do chamado capital humano não estão contratando mais. O que temos é um acréscimo significativo da chamada mão-de-obra, lida pelo mercado como não qualificada. A produtividade do trabalho está aumentando, mas os salários não. Porque o fato de termos um aumento na renda do trabalho pode ser causado por outros fatores, pois os trabalhadores percebem renda por conta

utilizada para calcular a desigualdade de distribuição de renda, mas pode ser usada para qualquer distribuição. (Nota da IHU On-Line)

das suas atividades econômicas e pelas suas inserções nas políticas sociais. O fato de ter aumento de renda no domicílio não significa necessariamente que houve acréscimo na produtividade do trabalho. É importante considerar esse aspecto, mesmo que nesses setores de base, com salários mais baixos, tenha havido aumento de emprego e algum acompanhamento de salário, principalmente porque há uma vinculação aos ganhos com o aumento do salário mínimo. Como o salário tem tido incremento real, com base na lei que já vige há dois anos, esse pequeno incremento da produtividade geral da economia está incorporado nesses salários de base. Mas, no conjunto do leque salarial, não tem havido essa transferência dos ganhos de produtividade para o salário, não. Isso precisa ser demonstrado. O que tem havido é transferência de renda da seguridade social, via tributação, para os detentores de direitos (previdenciários e assistenciais), que ganham salário mínimo.

IHU On-Line - A taxa de juros e a política monetária do governo atual contribuem para o aumento da renda dos trabalhadores?

Guilherme Delgado - A política de juros não tem contribuído. É aquela história da música “Apesar de você”, do Chico Buarque. É a política social de Estado associada às regras de sua anual correção que provoca esses ganhos de renda das classes mais baixas. O salário mínimo é uma lei anual, mas a vinculação do salário mínimo ao piso dos benefícios da previdência e da assistência é uma regra constitucional, que não tem nenhuma relação com o Banco Central. Apesar da política monetária, a aplicação dessas regras melhora a distribuição para os mais pobres, que já estão incluídos, ou no mercado de trabalho, ou no sistema de proteção social da seguridade. Os que estão de fora indiretamente se beneficiariam, porque o salário mínimo é uma espécie de farol no mercado de trabalho. É esse o campo de “bondade” do aspecto distributivo da política social. A política monetária vai para um outro caminho, completamente diferente. Atualmente, ela está perseguindo a chamada meta inflacionária via au-

mento da taxa de juros. Com isso, ela está colocando em xeque as próprias metas de crescimento econômico do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), na perspectiva de que, com política monetária, se contenha o preço de alimentos. É a engenharia que está na cabeça desse pessoal. Não tem nenhuma relação com o lado distributivo da economia, pelo contrário. O objetivo da política monetária é conter a demanda interna para que se equilibre a meta inflacionária num patamar que eles acham que deve ser de 4,5% ano que vem. E tudo o mais se ajustaria de forma constrangida. Portanto, não há vínculo entre política monetária e distribuição de renda.

IHU On-Line - E como a economia internacional interfere nesse cenário?

Guilherme Delgado - A partir de 2008, o Brasil voltou a ter déficit externo na conta corrente, e esse é um problema sério. É preciso repensar a política externa com esse constrangimento novo. Portanto, a entrada maciça de capitais e o câmbio supervalorizado como consequência são fatores que conspiram contra o chamado equilíbrio externo. Vejo essa política do Banco Central de elevar a taxa de juros e manter uma proposta contencionista do ponto de vista do crescimento muito negativamente em relação ao equilíbrio externo, por ela não só não resolver, como agravar a situação do déficit na conta corrente.

IHU On-Line - A classe média não se beneficia da política de juros do governo quando, eventualmente, aplica seus rendimentos em ações?

Guilherme Delgado - A política monetária tem um foco no equilíbrio macroeconômico: inflação, as contas externas, a questão do crescimento econômico. Essa seria a destinação ou o objetivo da política do Banco Central, principalmente a inflação. Claro que a política monetária tem uma relação com a política distributiva, mas no sentido inverso, negativo. Ela é uma política concentracionista e não redistributiva. Com relação aos titulares de ações, não é essa política que terá efeitos diretos. Isso depende do desempenho econômico de cada setor

e, provavelmente, da perspectiva do crescimento que a economia, no seu conjunto, venha a ter. Como a política de juros é niveladora “por baixo” do crescimento de diversos setores, não terá efeitos benéficos do ponto de vista dos rendimentos das ações em geral, a não ser de setores particulares, que estão sendo privilegiados nesse processo de concentração de renda, de inserção externa, de crescimento para fora. Por exemplo, o chamado agronegócio está protegido por uma blindagem enorme de defesa, porque faz parte da estratégia oficial há algum tempo, de exportar a qualquer custo para fechar as contas externas. No conjunto da economia, a política de juros altos é contra o crescimento econômico. Só beneficia quem tem riqueza financeira diretamente envolvida no processo de financiamento do Estado.

IHU On-Line - Na sua opinião, qual a importância do incentivo do governo Lula para a compra da casa própria, um programa destinado à classe média? Como essa iniciativa contribui para a ascensão dessa classe social?

Guilherme Delgado - Os programas oficiais têm um fôlego que depende do desempenho do conjunto da economia. Ter um programa para a casa própria e, ao mesmo tempo, elevar a taxa de juros, que vai incidir no endividamento das pessoas que adquirem o bem, é uma grande contradição. Imagino um programa de massiva ampliação do financiamento habitacional para os setores de base, com crescimento da renda do trabalho e uma redução significativa dos encargos financeiros. Não é viável ampliar crédito habitacional de longo prazo e ampliar juros, porque isso exclui os setores de baixa renda. A idéia de aumentar o crédito habitacional é boa, desde que ela não compre essa política agressiva de elevação de juros.

IHU On-Line - A partir dos resultados das pesquisas mais recentes sobre o aumento da renda dos brasileiros, que futuro podemos vislumbrar para os próximos cinco anos no Brasil? Que tendências se apresentam?

Guilherme Delgado - Desde 2001, há

uma tendência firme em todos os indicadores de mercado de trabalho, que mostram um grande crescimento do emprego formal. E isso continuou no governo Lula e se mantém até hoje com um crescimento muito acima do Produto Interno Bruto. Esse é um dado positivo, que precisamos interpretar como um movimento do conjunto da economia, principalmente dos setores de base, para ampliar e gerar novos postos e novas formas de ocupação, inserir-se nos mercados formais e nas atividades informais, agora com uma certa formalidade, via microempresa ou sistema simples. Esse movimento pode ser corroborado por uma política econômica que amplie e fomente o desenvolvimento desses setores de base. A ampliação do emprego formal atinge um limite e depois pára de crescer. Vejo como perspectiva uma ampliação significativa do mercado de trabalho formal se a política social for mantida e ampliada e não reduzida (como quer a reforma tributária² cogitada pelo governo), e se tivermos uma forma de incentivo econômico para os setores de base de forma diferenciada. Não vejo isso sendo arranjado de forma consistente dentro do governo. Vejo mais na sociedade do que no governo. Os resultados da economia refletem muito mais movimentos endógenos de auto-defesa da sociedade do que propriamente projetos estruturados e planejados da política econômica.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Guilherme Delgado. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* *"Há dólar demais no sistema econômico brasileiro"*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 15-07-2007.

* *A não convergência da política monetário-financeira e a do desenvolvimento*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 10-07-2007.

* *"Energia Elétrica: esse é que o grande constrangimento para viabilizar o crescimento de 5% ao ano"*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 12-01-2007.

2 Sobre o tema da reforma tributária, confira no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) as seguintes entrevistas especiais: "Reforma tributária e o aumento da desigualdade social", com Sérgio Miranda, e "Reforma tributária: uma alternativa para conter as desigualdades sociais?", com Luiz Antonio Benedito. (Nota da IHU On-Line)

A classe média é uma presença forte hoje na sociedade e na política brasileira

Programas como o Bolsa Família não formam classe média, nem aqui nem na China, considera Luiz Werneck Vianna

POR GRAZIELA WOLFART

Para o professor Luiz Werneck Vianna, a expansão do que se chama "classe média" deriva do "novo papel do setor de serviços no Brasil, da ampliação do sistema universitário, das novas oportunidades educacionais oferecidas à população e mesmo de um aumento da riqueza nacional". Ele não tem dúvidas de que estamos diante de uma classe média que se expande no país. No entanto, alerta: "Este conceito de classe média é muito complexo". Na entrevista que concedeu por telefone à **IHU On-Line**, o professor do IUPERJ acrescenta que "o fato de que tenha havido melhoras nos indicadores sociais não quer dizer que a população tenha sucumbido à mesmice ou perdido a capacidade de inquietação. Não é bem por aí. A sociedade está, sim, não por razões sociológicas, apenas, mas políticas, prisioneira de uma circunstância em que tudo o que se mexe, tudo o que é vivo na sociedade, é trazido para dentro do Estado".

Werneck Vianna é professor pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Doutor em Sociologia, pela Universidade de São Paulo, é autor de, entre outros, *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (Rio de Janeiro: Revan, 1997), *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil* (Rio de Janeiro: Revan, 1999) e *Democracia e os três poderes no Brasil* (Belo Horizonte: UFMG, 2002).

IHU On-Line - Podemos identificar realmente uma nova classe média? O que poderia ser caracterizado como essa nova classe social?

Luiz Werneck Vianna - A classe média brasileira tem se expandido, sim. Mas não creio que seja pelas razões argumentadas a partir das pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Fundação Getúlio Vargas.¹ A expansão deriva do

1 Sobre as pesquisas referidas, confira as *Notícias do Dia* do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 06-08-2008, em especial a nota "Menos pobres e mais divergências". (Nota da IHU On-Line)



Divulgação

novo papel do setor de serviços no Brasil, da ampliação do sistema universitário, das novas oportunidades educacionais oferecidas à população e mesmo de um aumento da riqueza nacional. Não há dúvidas de que estamos diante de uma classe média que se expande no país. No entanto, este conceito de classe média é muito complexo. Ele não deriva apenas de variáveis referidas à renda das pessoas, embora a renda seja importante, mas não determinante. Educação, ocupação, lugar de mo-

radia, além de outras variáveis que dizem respeito à cultura, a atitudes, comportamentos, expectativas, também configuram esse estrato. Tenho a impressão de que há uma grande confusão a partir dessas duas pesquisas do Ipea e da FGV a respeito desse conceito, muito difícil de precisar, de classe média. Mas é fato que ela vem se ampliando e é uma presença forte hoje na sociedade e na política brasileira.

IHU On-Line - Qual a contribuição do crescimento econômico do Brasil e das políticas sociais de erradicação da pobreza e da fome para o aumento da renda e de pessoas pertencentes à chamada “classe média”?

Luiz Werneck Vianna - Essas são duas questões que não guardam relação entre si. A ampliação da riqueza e das oportunidades de vida, especialmente nos centros urbanos, tem feito com que a classe média se expanda. No entanto, os programas de distribuição de renda, como o Bolsa Família, certamente não guardam nenhum vínculo com a formação da classe média. Trata-se de uma estratégia orientada para extrair da zona de pobreza extrema setores imensos da população, através de programas orientados na melhoria das condições de vida. Mas isso não forma classe média, nem aqui nem na China.

IHU On-Line - O crescimento estatístico da chamada classe média pode apontar um novo conformismo social e político?

Luiz Werneck Vianna - Essas tentativas de tradução do plano da sociologia diretamente para o campo da política não dão, em geral, certo. Há, na passagem de uma dimensão para outra, muitas modulações, interações, intermediações. Entender que, cruamente, um indicador sociológico vai se pronunciar na cena da política de forma decisiva é algo de que eu descreio muito. O fato de ter havido melhoras nos indicadores sociais não significa que a população tenha sucumbido à mesmice ou perdido a capacidade de inquietação. Não é bem por aí. A sociedade está, sim, não por razões sociológicas, apenas, mas políticas, prisioneira de uma circunstância em que tudo o que se mexe, tudo

“O governo trouxe todas as contradições para dentro de si e lá ele as arbitra”

o que é vivo na sociedade, é trazido para dentro do Estado. Os movimentos sociais estão completamente “estatalizados”. A UNE agora terá sua sede financiada pelo Estado. As centrais estão todas dentro do governo, envolvidas na malha estatal. Como eu afirmei, o que vem ocorrendo hoje é que tudo o que é vivo na sociedade foi trazido para o interior do Estado. Isso fez com que a capacidade de movimento livre e autônomo dos movimentos sociais tenha perdido muito da sua força. Não creio que a sociedade esteja acachapada. Creio que ela está cooptada e, nesse processo de cooptação, há ganhos para ela. Os trabalhadores do campo, seus movimentos, são cooptados pelo Estado e têm ganhos com isso. Essa perda de liberdade e de movimento não tem significado privação do ponto de vista material, ao contrário.

IHU On-Line - Então, não chegamos ao fim da era das demandas radicais e socialmente transformadoras?

Luiz Werneck Vianna - Não! Ao contrário. Elas estão abafadas, controladas, jurisdicionadas por uma política de Estado que se antecipa a tudo e que traz todos os conflitos para dentro de si. Por exemplo, onde estão as lideranças intelectuais do MST? Onde estão as lideranças do capitalismo agrário brasileiro? Onde estão os grandes interesses empresariais? Onde estão os grandes interesses dos trabalhadores? Estão no governo. O governo trouxe todas as contradições para dentro de si e lá ele as arbitra. Com isso, cada movimento perde seu caráter mais incisivo. Esse processo domestica os movimentos, o que não quer dizer que as

tensões e contradições inexistam. Elas estão todas aí. A oportunidade de elas se manifestarem de maneira mais dura vai estar exatamente no momento em que essa rede de articulação entre Estado e sociedade, que o governo Lula vem montando, for destituída. E esse momento vai ser o da sucessão, porque somente o presidente Lula é capaz de manter essa rede composta por contrários, por antagonismos. Isso tem os dias contados. Por exemplo, um tema que sempre inflamou a sociedade é a questão nacional. Ela está aí, mascarada pela política externa presidencial, e por uma série de recursos que o governo usa para, mantendo uma fachada nacional, fazer a política de sempre. A questão agrária é outra questão que sempre importou uma expressão radical no Brasil. Ela continua presente. Foi afastada, eliminada, cancelada? Não, ela foi abafada. De vez em quando, alguns movimentos rompem a barreira do silêncio e mostram sua capacidade explosiva, como esses do centro-oeste do país. Não creio que as linhas mais convulsivas, mais tensas da sociedade brasileira, tenham sido erradicadas pelo fato de que setores que viviam numa linha abaixo da pobreza tenham sido beneficiados por políticas sociais. Não creio que essa relação possa ser feita, abstraído-se da construção política.

IHU On-Line - O entusiasmo com os números de que a classe média cresceu pode ser verificado na realidade, nas ruas e nas vidas das famílias brasileiras?

Luiz Werneck Vianna - A classe média brasileira cresceu, mas esta é uma questão para uma pesquisa científica própria. Impressionisticamente e com algumas indicações, de algumas pesquisas, é inegável que este estrato social vem se expandindo. É claro que, ao se expandir, dá maior peso a este ator, que é decisivo na vida das democracias modernas. A classe média é central nas democracias modernas.

IHU On-Line - Como entender tamanha euforia com o aumento do número de beneficiários da classe média em uma sociedade que sempre condenou o neoliberalismo econômico?
Luiz Werneck Vianna - A classe média

ganhou presença forte no mundo na passagem do século XIX para o século XX, por força da expansão dos centros urbanos, das novas ocupações, inclusive na indústria, com o aumento dos serviços estatais e das profissões liberais. Ela deu uma nova densidade para a vida democrática. Não se pode pensar a classe média apenas na linha produtivística, ou seja, de quem está ligado à produção. Trata-se de um estilo de vida, de uma forma de ser, no mundo, que depende de educação, de renda, de sedimentação, de práticas. Não vejo a classe média como uma presença assustadora, que, por si só, espanta a imaginação utópica, a imaginação criadora. Maio de 68 é um movimento de classe média. A passeata dos cem mil é um movimento de classe média aqui no Brasil. O impeachment do Collor também foi um movimento de classe média. Na passeata dos cem mil, qual era a presença operária, sindical, dos trabalhadores urbanos e do campo? Zero! No impeachment do Collor, igualmente. O movimento operário foi contra Maio de 68. A classe média não está necessariamente associada a uma ausência de imaginação, ao conservantismo. Isso depende. Querer pensar o comportamento das classes e dos estratos sociais apenas a partir da sua forma de existência sociológica é muito pobre, leva a um reducionismo muito forte. Na passagem desse mundo para o mundo da política há muitas mediações.

IHU On-Line - Quais as possíveis consequências sociais de uma definição empobrecida da classe média, que não contempla elementos mais complexos no sentido de compreender as mudanças que estão acontecendo em nosso país?

Luiz Werneck Vianna - Na verdade, está se manipulando e havendo um contorcionismo argumentativo, para dizer que houve melhoria de renda em setores que estavam muito desfavorecidos. Esses setores teriam engordado, pela agenda de consumo, o que nós entendemos como classe média. Daí se teria gerado um comportamento menos buliçoso, mais adaptado às circunstâncias, e a sociedade estaria inteiramente estabilizada, em

“A degradação da vida política brasileira é resultado da política deliberada do governo”

harmonia, em paz, com seu caminho descoberto, sem imaginação. O que se tem pensado a partir dessas pesquisas do Ipea e da FGV me parece ser um contorcionismo puramente ideológico para dizer que os conflitos acabaram e a sociedade encontrou seu justo caminho. Não é bem assim.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre quem sai da pobreza e quem entra na classe média?

Luiz Werneck Vianna - Aqui é preciso passar pelo filtro da educação, pela autonomia. A relação de heteronomia, que é típica desses programas sociais, não libera acesso à classe média. Esta é composta por seres totalmente autônomos, e não seres submetidos a uma relação de dependência em relação ao Estado como, por definição, são essas políticas sociais. Isso não é garantia de trânsito de uma condição para outra.

IHU On-Line - Quais seriam as referências de situação social, a visão de mundo e de comportamento da chamada “classe média”? Quais suas aspirações sociais e políticas?

Luiz Werneck Vianna - Essa é uma questão que se reitera ao longo do tempo. Quando se fala hoje de classe média, não se está falando da pequena burguesia que antes foi central, por exemplo, na literatura marxista: o setor entre o capital e a classe operária, no campo e na cidade, que funcionaria de uma maneira oscilante entre os dois extremos do capital e do trabalho. Quando falamos do conceito de classe média, não retomamos o cenário do século XIX, nem do começo do século XX. Estamos falando de uma diferença social profun-

da, que gerou novas ocupações, novas atitudes, novos sistemas de orientação e valores. E tudo isso varia de contexto a contexto. Não há uma definição essencialista da classe média que tenha validade na Rússia, na Alemanha, na América do Norte e no mundo da periferia. Isso varia segundo, fundamentalmente, as opções políticas existentes. Na dúvida, onde existe uma classe média robusta, autônoma, as exigências com a vida institucionalizada, uma vida onde a democracia política tenha um certo vigor, tudo isso se fortalece.

IHU On-Line - Também não sei se podemos falar de classe média de forma homogênea...

Luiz Werneck Vianna - Eu creio que não. De qualquer forma, esse é um assunto que pode estimular uma forte agenda de uma pesquisa empírica. Não é o caso dessas pesquisas que estamos comentando. O objetivo delas foi limitado: perceber algumas melhorias em determinados setores da população em relação à renda. Está bem, isso ocorreu. Mas é legítimo falar que dessa melhoria de condições de renda houve uma ampliação da classe média? Acho que não. Quando se transita dessas questões para outras, é preciso levar em conta muitos outros fatores. Por exemplo, setores submetidos à heteronomia não podem participar da classe média. Setores dependentes de políticas sociais do Estado não fazem parte da classe média.

IHU On-Line - Na última entrevista que nos concedeu, o senhor afirmou que identifica um forte moralismo na classe média brasileira, até uma “cultura do fascismo”. Como associar essas características com os resultados recentes do aumento da classe média brasileira?

Luiz Werneck Vianna - Uma parte do que eu disse na última entrevista² pode ser interpretado assim, mas não creio que seja uma boa interpretação. O tema da moralidade é próprio a essa classe média moderna. Esses setores

² Leia a entrevista mais recente concedida por Luiz Werneck Vianna à revista IHU On-Line, publicada na edição número 265, de 21-07-2008, intitulada “Fascismo: moralismo faz a política ficar de fora da discussão”. Acesse www.unisinos.br/ihu e confira. (Nota da IHU On-Line)

“O que se tem pensado a partir dessas pesquisas do Ipea e da FGV me parece ser um contorcionismo puramente ideológico para dizer que os conflitos acabaram e a sociedade encontrou seu justo caminho. Não é bem assim”

que estão levantando essa bandeira da moralidade estão vindo de dentro do Estado (Polícia Federal, juízes de primeira instância, mídia, Ministério Público). O tema da moralidade, da ordem racional legal, é extraordinariamente relevante. Mas a sua pregação está em desconsiderar outros aspectos envolvidos. Por exemplo, os princípios e os direitos fundamentais são desconsiderados. Em nome da luta pela moralidade, grameiam-se telefones, as pessoas são “condenadas” em julgamentos relâmpagos, são presas em casa, nas primeiras horas da manhã, com execração pública, com a exposição na mídia, a ponto de não ser mais necessário nem um processo. Afinal, a pessoa já foi condenada e julgada. E a pena que lhe foi imposta é degradante, inflamante, como um estigma que cola na sua pele. Importantes setores das classes médias legitimam isso; basta ver as cartas dos leitores nos grandes jornais. E legitimar isso tem a ver com a má tradução do tema da moralidade em moralismo. Como se essa linha de conduta fosse resolver os problemas da sociedade. Não irá. Pode, sim, eliminando-se a corrupção, criar condições para que a sociedade delibere de forma mais autônoma sobre si. A luta contra a corrupção é genuína, verdadeira. Mas, se ela se absolutiza, se perde a perspectiva da política, da democracia, ela se degrada. É disso que eu já falava na outra entrevista e reafirmo agora.

IHU On-Line - Em ano eleitoral, como a chamada classe média se comporta diante das discussões políticas e da democracia?

Luiz Werneck Vianna - Ela se orienta no sentido de reforçar as instituições. No limite, esse moralismo estaria apon-

tando para a direção do estado policial. O estado policial seria legitimado em razão da necessidade da sociedade debelar essa “hidra de sete cabeças”, que seria a corrupção, que legitimaria o uso de todos os instrumentos: das algemas e grampos às denúncias sem prova, tudo em razão da causa maior: afastar o corrupto e as mazelas da corrupção da vida política brasileira. Para isso, não precisamos de política, nem de partido, nem de voto. Fazemos isso através de aparatos estatais, do executivo, do judiciário, e também de aparatos da sociedade civil, como a própria mídia. Para avançar na direção dos problemas substantivos, é preciso da força da sociedade, dos movimentos sociais, dos partidos políticos, do parlamento, de uma ampla circulação de idéias, de debate público. Isso vai para uma outra direção.

Uma política degradada

A política brasileira está amesquinhada, degradada, por uma política deliberada do governo em não estimular a organização, a mobilização social, o debate público. É ali, nas câmaras governamentais, que estão se discutindo as grandes controvérsias. Isso se resolve ali mesmo. Qual o papel dos partidos, do congresso e da opinião pública nisso? A política brasileira está degradada por isso. Só há um político no Brasil: o presidente da República.

IHU On-Line - Como o senhor se sente, nesse ano eleitoral, diante desse cenário?

Luiz Werneck Vianna - É um quadro difícil, de constrangimentos, mas minha aposta, minha percepção, é de que é muito difícil sustentar isso por mais

tempo. As contradições entre os trabalhadores do campo e o agronegócio são reais. As contradições entre os trabalhadores e o capitalismo brasileiro, os empresários, são reais. Elas estão sendo abafadas, porque todos os seus principais representantes estão dentro do Estado. Com isso, parece que a sociedade está condenada à passividade, mas não está. De quando em quando, os conflitos rompem essa barreira do silêncio que se criou em torno deles por força dessa política de cooptação e vão às ruas, se manifestar em defesa dos seus interesses, objetivos, de modo que eu vejo como uma prática muito difícil a de manter ao longo do tempo essa política deliberada de abafamento dos conflitos por trazê-los ao interior do Estado. Todos estão lá. E, se ali há formas de garantir de algum modo seu interesse, por que virão para o teatro livre da sociedade civil, onde podem ganhar ou perder?

IHU On-Line - O senhor pensa que essa foi uma estratégia planejada pelo governo, ou é algo que foi acontecendo?

Luiz Werneck Vianna - Foi acontecendo. Foi se descobrindo esse caminho na medida em que se andava. Esse caminho lembra muito o caminho getuliano. Há uma referência histórica que, num certo momento, foi identificada. Isso eu diria que foi identificado. Num certo momento, eles identificaram no período Vargas formas de agir que seriam passíveis de uso no momento atual. Sua pergunta é relevante. Não creio que isso foi preconcebido. Se chegou a isso andando, mas, na medida em que se alcançou, a referência histórica também se manifestou. Tinha um caso pretérito que era possível de consulta para ver seus usos e seus limites. Patrus Ananias podia ser perfeitamente ministro do governo Vargas.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Luiz Werneck Vianna. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* “A política está viva”. IHU On-Line número 192, de 21-08-2006;

* *Igual liberdade, uma palavra de ordem unificadora*. IHU On-Line número 231, de 13-08-2007;

* *Fascismo: moralismo faz a política ficar de fora da discussão*. IHU On-Line número 265, de 21-07-2008.

Conceito de uma nova estrutura social não convence

Para o cientista político Cesar Benjamin, ainda é cedo para falar em classe média no Brasil

POR GRAZIELA WOLFART

Em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, o jornalista e cientista político Cesar Benjamin analisa os recentes resultados sobre o aumento da renda dos brasileiros. Mas, sobre o clima de euforia que se apresenta, ele alerta: “Se há uma alteração pequena no nível de renda dessas famílias, isso não quer dizer que o conjunto de suas condições de vida mudou”. Para ele, “é muito impreciso falar no surgimento da nova classe média num país cuja taxa de crescimento é muito baixa, há muitos anos, e cujo sistema de impostos é regressivo. Eu não afirmaria que está havendo um processo de ascensão social na média da população brasileira”. O jornalista Cesar Benjamin é editor e fundador da Editora Contraponto, do Rio de Janeiro. Cientista político por formação, também é acadêmico e pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, com trabalhos nas áreas de política ambiental e economia. Em 1989, coordenou a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência, quando o petista foi derrotado por Fernando Collor. Em 2004, se filiou ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e, em 2006, concorreu ao cargo de vice-presidente da República no Brasil, na chapa da senadora Heloisa Helena, do PSOL. No mesmo ano, se desfilou da legenda. É autor de, entre outros, *Diálogo sobre Ecologia, Ciência e Política* (Rio de Janeiro: Contraponto, 1992) *A opção brasileira* (Rio de Janeiro: Contraponto, 1998) e *Bom combate* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2004).



Divulgação

IHU On-Line - Podemos identificar realmente uma nova classe média? O que poderia ser caracterizado como essa nova classe social? Quem é a “nova classe média brasileira”, que aparece nas recentes pesquisas da FGV e do Ipea?

Cesar Benjamin - É prematuro falar no surgimento de uma nova classe média no Brasil. É preciso compreender quais foram os critérios utilizados para definir esse conceito. Até onde eu acompanhei, são critérios de mensuração de renda, e essa mensuração é bastante problemática, pois contém diversos vieses que precisam ser explicitados. Primeiro, é preciso saber o que se considera classe média. O que tem acontecido em geral, a partir dos dados do Banco Mundial, é que se estabelece um patamar de renda muito baixo para o nível de pobreza. Então, qualquer pequena variação de renda

faz com que as pessoas ultrapassem esse chamado nível de pobreza.

IHU On-Line - Mas isso não significa que já vão entrar na classe média, não é?

Cesar Benjamin - Não. E também não significa que essa variação estabeleça um padrão definitivo, porque, nesse nível, as variações são comuns (para cima e para baixo). Se a família passou de nível não significa que vai permanecer nele. E uma variação da renda monetária também não significa que a qualidade de vida dessa família se alterou substantivamente. Por exemplo, uma família que tem uma renda monetária muito baixa naturalmente associa essa condição a uma série de outras condições de vida. Provavelmente, sua habitação é precária e o acesso à educação dos seus filhos não é de boa qualidade,

bem como o acesso à saúde. Ora, se há uma alteração pequena no nível de renda dessa família, isso não quer dizer que o conjunto de suas condições de vida mudou. Ela pode ter tido um aumento circunstancial de renda através de um programa de distribuição, como o Bolsa Família, mas, provavelmente, estará morando na mesma casa, com os filhos na mesma escola (se estiverem na escola), e com o mesmo acesso à área de saúde, e assim sucessivamente. A estatística diz uma coisa que não corresponde à vida. Se antes uma família tinha uma renda *per capita* de R\$ 100,00 mensais, agora passou para R\$ 120,00. Isso não representa uma alteração de qualidade nos setores populacionais brasileiros.

IHU On-Line - Além dos números do aumento da renda que as estatísticas

mostram, que outros fatores sociais e políticos podemos citar para tentar definir o que seria classe média?

Cesar Benjamin - Essa é uma definição que contém uma carga de subjetividade muito grande. No caso brasileiro, o que o Ipea usa é apenas a variável renda. E o que eu digo é que esta variável é insuficiente. Por dois motivos: porque esse aumento de renda é, muitas vezes, eventual. A família sobe durante um período e depois cai de novo. Em segundo lugar, o aumento da renda não expressa uma alteração estrutural das condições de vida. É muito impreciso falar no surgimento da nova classe média num país cuja taxa de crescimento é muito baixa, há muitos anos, e cujo sistema de impostos é regressivo. Eu não afirmaria que está havendo um processo de ascensão social na média da população brasileira.

IHU On-Line - Mesmo que pequeno, tivemos um crescimento econômico no Brasil recentemente. Qual a interferência desse fator para o aumento da renda das pessoas?

Cesar Benjamin - É claro que é melhor crescer 5% do que crescer 3%, que é a média brasileira nos últimos anos. No ano passado, foi 5% e claro que isso é positivo. Mas é preciso levar em conta algumas coisas. Primeiro, o mundo está vivendo um ciclo econômico excepcionalmente bom (que parece estar chegando ao fim, inclusive). Mas o fato é que, a partir de 2002, a taxa média de crescimento mundial subiu muito. Então, apesar do crescimento brasileiro ter aumentado, o que é bom, ele permaneceu abaixo da média, o que é ruim. Ou seja, o Brasil melhorou o seu crescimento comparando consigo mesmo, em relação aos anos anteriores, mas piorou o seu crescimento comparando com a média mundial. O fato que não devemos nunca perder de vista é o de que nos últimos 15 ou 16 anos o Brasil está perdendo posição no contexto internacional. Nossa economia é muito sensível aos choques externos. O que houve, nos últimos anos, foi um choque externo positivo, então, isso se traduz em melhoras para nós. Como esse ciclo positivo do mundo parece estar chegando ao fim, é preciso ainda verificar como será nossa posição nos próximos anos.

“Uma variação da renda monetária também não significa que a qualidade de vida dessa família se alterou substantivamente”

IHU On-Line - O crescimento estatístico da chamada classe média pode apontar um novo conformismo social e político? Chegamos ao fim da era das demandas radicais e socialmente transformadoras?

Cesar Benjamin - Não faria uma afirmação tão forte quanto essa. Nos últimos anos, houve três elementos positivos para o crescimento do consumo nessa base da população. Um deles foi a expansão de políticas sociais, o outro foi o crescimento real do valor do salário mínimo, que, aliás, já vem de muitos anos. O salário mínimo no Brasil tem crescimento real desde 1992. E um terceiro elemento positivo foi a retomada do crédito, principalmente a partir do crédito consignado. Isso realmente levou a uma expansão do consumo nesses setores de renda baixa. Mas eu não relacionaria isso a um conformismo. Eu diria que os estratos mais pobres da população são muito sensíveis a variações pequenas. Por isso, esse estrato de baixa renda tende a ser conservador. Ele apoiou o Sarney,¹ durante o Plano Cruzado,² apoiou o Fernando Henrique, na estabilização

¹ José Sarney de Araújo Costa (1930): político, advogado, jornalista e escritor brasileiro. Foi presidente da República de 1985 a 1990. (Nota da IHU On-Line)

² Plano Cruzado: plano econômico lançado pelo governo brasileiro em 28 de fevereiro de 1986 por Dilson Funaro, ministro da Fazenda do governo do presidente José Sarney. O plano mudou a moeda do Brasil de Cruzeiro para o Cruzado e, posteriormente, para o Cruzado Novo, congelou os preços e salários e criou o gatilho salarial – medida de garantia de reajuste de salário na qual toda vez que a inflação atingisse ou ultrapassasse 20% em um determinado período de tempo. (Nota da IHU On-Line)

da inflação, e apóia o Lula hoje em função desses elementos a que já me referi. Porque essas políticas se traduzem em ganhos que, embora pequenos, são significativos. A história tem mostrado que esse conservadorismo dos estratos mais pobres também é volátil. Por isso, eu não faria uma projeção de médio e longo prazo.

IHU On-Line - Como entender tamanha euforia com o aumento do número de beneficiários da classe média em uma sociedade que sempre condenou o neoliberalismo econômico?

Cesar Benjamin - Desses três elementos a que me referi, que têm sido favoráveis à expansão do consumo na população de baixa renda, o mais consistente e importante, a meu ver, é a elevação do poder real do salário mínimo. Isso tem um impacto grande sobre o sistema de previdência. Para termos uma idéia, a seguridade social transfere, no Brasil, uma renda equivalente a 8,3% do PIB. E o Bolsa Família transfere o equivalente a 0,3% do PIB. O ganho real é o do salário mínimo; o do Bolsa Família é residual. E o ganho do crédito é temporário, porque as pessoas não podem se endividar indefinidamente. Todo mundo tem uma capacidade limitada de endividamento. Nos oito anos do governo Fernando Henrique, o salário mínimo cresceu em termos reais 4,1% ao ano e nos anos Lula cresceu 6,2% ao ano. Se considerarmos essa projeção de oito anos de FHC, mais os cinco ou seis de Lula, veremos que o ganho do salário mínimo foi muito significativo nesse período. Os neoliberais reagem a isso da seguinte forma: eles querem conter os gastos do salário mínimo e querem expandir os gastos do Bolsa Família, porque o salário mínimo é um direito e o Bolsa Família não. Os neoliberais são favoráveis a políticas que não significam incorporação como direitos, que sejam políticas flexíveis, e adaptáveis às realidades orçamentárias.

IHU On-Line - Podemos falar de “classe média” ao nos referirmos a uma categoria social que depende da exploração das novas gerações e dos imaturos, comprometendo a possibilidade de ascensão destes (o que seria marca desta dita classe média)?

Cesar Benjamin - Esse é mais um dos

“É muito impreciso falar no surgimento da nova classe média num país cuja taxa de crescimento é muito baixa, há muitos anos, e cujo sistema de impostos é regressivo”

motivos pelos quais eu não faria a afirmação de que está surgindo ou de que surgiu uma nova classe média no Brasil. É preciso esperar mais, verificar a mudança do ciclo internacional, qual será o impacto sobre o Brasil. Realmente é muito apressada essa afirmativa de que a estrutura de classes no Brasil tenha sofrido alguma alteração significativa no sentido de ascensão social nesses anos. Quanto à sua pergunta, temos um problema grave, chamado juventude. A taxa de desemprego na juventude brasileira é, na média, quatro vezes superior à taxa de desemprego média no Brasil. Há uma proporção muito alta, segundo o IBGE, de jovens de 16 a 24 anos que não estudam nem trabalham. É óbvio que a questão da infância e da juventude não está equacionada. O sistema educacional público no Brasil não dá conta disso e o mercado de trabalho não absorve essas pessoas.

IHU On-Line - Podemos estabelecer relações entre essa euforia diante do aumento da dita classe média e uma possível mudança ideológica do PT?

Cesar Benjamin - O Partido dos Trabalhadores sofreu uma flexão muito rápida, que antecedeu a sua chegada ao poder federal e que não veio associada a ganhos consistentes para a sua base social. O PT se deixou capturar por uma lógica de uma burocracia petista, sindical, cutista, ou de fundos de pensão, que aumentou rapidamente seu padrão de vida. Isso constituiu no Partido uma elite partidária, sindical, burocrática, que hoje determina os rumos do PT. Não vejo como esse processo possa ter volta.

A classe média aponta para o forte predomínio do individualismo e do consumismo

Na opinião do economista Waldir Quadros, o crescimento médio do PIB de 4,5% ao ano no quadriênio 2004-2007 é o principal responsável pelo aumento da renda dos brasileiros

POR GRAZIELA WOLFART

Ao alertar sobre o risco do incremento das várias modalidades de crédito pessoal entre a baixa classe média brasileira, o economista e professor do Instituto de Economia da Unicamp Waldir Quadros considera importantes as políticas sociais do governo, sobretudo para os miseráveis e os muito pobres. Para ele, que concedeu a entrevista que segue por e-mail à IHU On-Line, a principal política “é a recuperação real do salário mínimo, com sua ampla repercussão na base do mercado de trabalho e nos benefícios previdenciários e assistenciais”. Ao tentar encontrar características do que entende como a atual classe média, Quadros acredita que ela aponta para uma “brutal concorrência individual, sem freios morais, na luta por escassas oportunidades de acesso a padrões de consumo mais sofisticados”. Waldir José de Quadros possui graduação em Economia, pela Universidade de São Paulo, e mestrado e doutorado em Ciência Econômica, pela Universidade Estadual de Campinas, onde, atualmente, é professor associado do Instituto de Economia.

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - Podemos identificar realmente uma nova classe média? Quem é a “nova classe média brasileira”, que aparece nas recentes pesquisas da FGV e do Ipea, considerando a heterogeneidade dessa camada social brasileira?

Waldir Quadros - Esta “nova classe média” tem sido associada à recente expansão da também chamada “classe C”, que prefiro denominar de baixa classe média. Ou seja, em termos mais precisos, trata-se de novos contingentes populacionais que ascendem a uma camada social já existente. De um modo geral, e também nestas duas pesquisas mencionadas, este segmen-

to tem sido caracterizado por uma determinada faixa de rendimentos, sem maiores qualificações.

IHU On-Line - Qual é a contribuição do crescimento econômico do Brasil para o aumento da renda e de pessoas pertencentes à chamada “classe média”? O senhor defende uma estagnação econômica brasileira desde a década de 1970. Como entender esse aumento da classe média num cenário de estagnação econômica?

Waldir Quadros - Sem dúvida, o crescimento médio do PIB de 4,5% ao ano no quadriênio 2004-2007 é o principal responsável por esta performance (e 2008

está no mesmo patamar). Ainda que estejamos na rabeira dos países emergentes, estas taxas são bastante superiores ao que se observou nos anos anteriores. Basta dizer que no quinquênio 1998-2002 a taxa média foi de apenas 1,7% ao ano. Sem falar nos míseros 1,15% de 2003. Contudo, o comportamento relativamente mais expressivo da baixa classe média reflete tanto as maiores taxas de crescimento do PIB desde 2004 quanto o fato de que este crescimento se realiza em condições macroeconômicas desfavoráveis às estruturas produtivas mais complexas e tecnologicamente mais avançadas, particularmente no que se refere ao câmbio e juros. Com isso, e outras circunstâncias da mesma natureza, os empregos e oportunidades gerados concentram-se nas faixas de menor remuneração e o movimento de ascensão social não alcança de forma mais expressiva a alta e média classe média.

IHU On-Line - O entusiasmo com os números de que a classe média cresceu pode ser verificado na realidade, nas ruas e nas vidas das famílias brasileiras?

Waldir Quadros - Esta avaliação mais sóbria da situação e do desempenho da baixa classe média destoa significativamente de uma visão eufórica, que tem sido muito freqüente na mídia e em algumas pesquisas de mercado. Entre outras razões, entendemos que este descompasso deve-se ao fato de que elas incorporam o forte e recente ciclo de expansão do consumo, uma vez que, em geral, dimensionam os estratos sociais com base no seu perfil de consumo de produtos e serviços. Acontece que este aquecimento do consumo em grande medida decorre do forte incremento das várias modalidades de crédito pessoal, sendo relativamente consensual que a renda pessoal não tem crescido na mesma magnitude. É importante registrar que estas observações não pretendem diminuir o significado deste forte aumento do consumo nas condições de vida das pessoas e famílias. Ao contrário, trata-se apenas de uma ressalva metodológica, pois entendemos que a estratificação social com base na capacidade de consumo movida a crédito, avançando muito mais rápido que a renda pessoal, fica vulnerável a interferências de “bolhas” que não se sustentam a longo prazo.

IHU On-Line - Qual é a contribuição das políticas sociais de erradicação da pobreza e da fome para o resultado que apareceu recentemente nas pesquisas? Em que medida os benefícios sociais do governo contribuem para uma heterogeneidade da classe média?

Waldir Quadros - Penso que tais políticas afetam, sobretudo, os miseráveis e muito pobres, e a principal delas é a recuperação real do salário mínimo com sua ampla repercussão na base do mercado de trabalho e nos benefícios previdenciários e assistenciais. Neste sentido, é fundamental atentar para o fato de que, embora o salário mínimo venha apresentando ganhos reais desde 1992 (com exceção de 1994 e 2003), é no período 2004-2007 que se verifica a mais virtuosa combinação entre expansão do PIB (4,5% ao ano) e do piso salarial legal (4,8% ao ano).¹ Ainda que no período 1998-2002 o crescimento real do salário mínimo também tenha sido significativo (4,1% ao ano), o baixo crescimento econômico (1,7% ao ano) neutralizou bastante seu impacto. Além desta mais favorável combinação entre PIB e salário mínimo real, outros elementos positivos estão presentes no período recente. Um deles é a acentuada formalização dos contratos de trabalho, que potencializa os efeitos da recuperação do salário mínimo. O outro é a maturação, aprimoramento e ampliação dos programas focalizados de transferência de renda, com significativo impacto entre os miseráveis não diretamente beneficiados pelos ganhos do piso legal.

IHU On-Line - Esse aumento da classe média é sinal de que a distribuição de renda no Brasil está melhorando?

Waldir Quadros - Os dados oficiais revelam que a distribuição funcional da renda continua piorando, com maior parcela da renda nacional sendo apropriada na forma de lucros e juros e retraindo-se a remuneração do trabalho.

IHU On-Line - Em que sentido identificamos na classe média atual posturas teóricas e políticas da sociedade capitalista e neoliberal? Quais são os padrões morais da classe média brasileira atual?

Waldir Quadros - Seguindo Wright Mills,²

¹ De novembro a outubro, que é o período de cobertura da PNAD. (Nota do entrevistado)

² Charles Wright Mills (1916-1962): foi um

podemos considerar que a classe média representa a síntese das aspirações do conjunto da sociedade capitalista contemporânea. Neste sentido, atualmente ela aponta para o forte predomínio, entre nós, do individualismo e do consumismo, da brutal concorrência individual, sem freios morais, na luta por escassas oportunidades de acesso a padrões de consumo mais sofisticados.

IHU On-Line - Que mudanças esse aumento da classe média provoca na estrutura social brasileira, pensando na relação com as demais camadas sociais?

Waldir Quadros - Considero totalmente inadequado concluir da recente expansão da baixa classe média que agora temos no Brasil uma sociedade de classe média. Em poucas palavras, nas condições brasileiras, um autêntico padrão de classe média pressupõe o acesso com recursos próprios à educação de qualidade; cursos de idiomas; viagens internacionais; convênios médicos abrangentes; moradias diferenciadas; alguma das diversas modalidades de segurança pessoal; e serviços pessoais especializados (tais como, psicólogos, dentistas, oculistas, fisioterapeutas, nutricionistas etc). Reforço que tudo isso deve acontecer sem dependência das redes públicas de serviços sociais, bastante sucateadas, o que, convenhamos, está muito distante das condições da sofrida “classe C”, que, no máximo, pode ser classificada como remediada, ao se diferenciar da massa de pobres e miseráveis.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Waldir Quadros. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevista:

* *As classes médias brasileiras*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 12-09-2007.

sociólogo norte-americano. Mestre em Artes, Filosofia e Sociologia pela Universidade do Texas, doutorou-se em Sociologia e Antropologia pela Universidade de Wisconsin. Foi professor de Sociologia das Universidades de Maryland e Columbia. Para Mills, a racionalidade do mundo ocidental da atualidade não produziu a indispensável libertação do ser humano, já que as principais ideologias desenvolvidas – capitalismo e socialismo – não se mostraram aptas a prever e controlar intensos processos de mudança social. (Nota da IHU On-Line)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

Roland Barthes: o intérprete dos signos

A crítica literária Leyla Perrone-Moisés analisa Barthes como um autor que tinha muita consciência do caráter histórico e provisório de qualquer discurso

POR ANDRÉ DICK

Segundo Leyla Perrone-Moisés, a importância de Roland Barthes (1915-1980) para uma compreensão da cultura é fundamental. Por essa e outras razões, ela organiza a Coleção Roland Barthes para a Martins Fontes. Nela, já foram lançadas obras como *O rumor da língua*, *O grão da voz*, *Sade*, *Fourier*, *Loyola*, *Fragmentos de um discurso amoroso*, além de *O neutro*, *Como viver junto* e *A preparação do romance – volumes I e II* – que reúnem aulas dadas pelo autor no Collège de France. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Leyla considera que “Barthes estudou várias manifestações culturais da sociedade, e deixou textos sobre várias delas” e, ainda, que “diferentemente dos sociólogos, o que lhe interessava não eram os fenômenos sociais por eles mesmos, mas o modo como estes eram expressos”.

Nesta entrevista, ela fala também sobre a ligação de Barthes com Derrida, filósofo que lhe indicou o fim do estruturalismo ortodoxo. Para a crítica brasileira, Barthes, “assim como se cansou do projeto totalizador da semiologia, aborreceu-se progressivamente com o dogmatismo do discurso político militante”. Barthes também se sentia honrado quando o chamavam de escritor. Por isso, como afirma Leyla, sua “escrita é precisa, original e saborosa como a dos verdadeiros escritores” e “hoje podemos dizer tranquilamente que Barthes foi um grande escritor, afirmação que lhe parecia abusiva”. Leyla ainda comenta sobre a contestação que Barthes fazia à mimesis aristotélica e sobre os livros que serão publicados este ano pela coleção dedicada ao autor, *Sobre Racine* e *O sistema da moda*.

Leyla Perrone-Moisés possui, pela Universidade de São Paulo (USP), graduação em Letras Neolatinas e doutorado em Letras (Língua e Literatura Francesa). É coordenadora do Núcleo de Pesquisa Brasil-França, do Instituto de Estudos Avançados da USP, desde 1988, e professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP desde 1996. Publicou, entre outros, os livros *Roland Barthes – O saber com sabor* (São Paulo: Brasiliense, 1983), *Flores da escrivantina* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990), *Inútil poesia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), *Fernando Pessoa, quem do eu, além do outro* (3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001), *Texto, crítica, escritura* (3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005) e *Vira e mexe, nacionalismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

IHU On-Line - Em todos os livros da Coleção Roland Barthes, organizada pela senhora, há uma grande atenção dada, em suas introduções, aos elementos que os formaram, inclusive nos inéditos, em que há os vários interesses do escritor: por literatura, política, teatro, música, moda. Barthes, mais do que um crítico, foi um

crítico de cultura, no sentido mais amplo, uma vez, que como a senhora já disse, ele não tinha um lugar definido?

Leyla Perrone-Moisés - De fato, ele foi um crítico de cultura, no sentido amplo. Formado em sociologia, Barthes estudou várias manifestações culturais da sociedade, e deixou textos

sobre várias delas. Mas ele era um homem da linguagem e, diferentemente dos sociólogos, o que lhe interessava não eram os fenômenos sociais por eles mesmos, mas o modo como estes eram expressos. Ele acreditava que, nas formas languageiras, podíamos ler os sentidos e a ideologia que fundamentam a sociedade.



DIVULGAÇÃO

“Com a agudeza de visão que o caracterizava, ele viu os sinais da chamada ‘pós-modernidade’, e deixou vários registros dessa intuição. Certamente não teria lhe agradado viver uma época de perda de referências, porque toda a sua obra foi pautada em determinados valores éticos e estéticos da modernidade”

IHU On-Line - Na introdução de *O rumor da língua*, realiza-se uma análise sobre as fases atravessadas por Barthes. No auge do estruturalismo, Barthes parecia querer atingir uma “ciência da literatura” e, mais tarde, após Derrida, teria tomado um caminho mais flexível. Barthes foi, como Derrida, filósofo presente também em seus estudos, um dos responsáveis por “encerrar” com o estruturalismo digamos mais ortodoxo? Há uma espécie de volta, por exemplo, aos elementos biográficos, em suas aulas inéditas reunidas em *A preparação do romance?*

Leyla Perrone-Moisés - Derrida¹ criticou o estruturalismo antes que Barthes o fizesse. Desde *A escritura e a diferença* (1967),² ele apontou o idealismo do signo lingüístico saussureano, no qual se inspirava o estruturalismo. Barthes se desgostou pouco a pouco da “ciência da literatura”, e rompeu com esse projeto em *O prazer do texto* (1973).³ Não foi apenas em seus últimos cursos que ele reformulou as teses de sua fase semiológica.

1 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004. (Nota da IHU On-Line)

2 *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Nota da IHU On-Line)

3 *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. (Nota da IHU On-Line)

Quanto à recuperação da biografia dos escritores, ele já havia proposto o estudo dos “biografemas” em *Sade, Fourier, Loyola* (1971),⁴ e aplicado esta proposta a ele mesmo, em *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975).⁵

Barthes não foi diretamente influenciado por Derrida, mas tinha muitas afinidades com o filósofo. Tratei das relações intelectuais e afetivas entre ambos no texto intitulado “Aquele que desprende a ponta da cadeia”, publicado em *Jacques Derrida: pensar a desconstrução* (Org. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2005).

IHU On-Line - No seu livro *Aula*, Barthes dá uma espécie de resposta aos acontecimentos de Maio de 68, haja vista que ele foi considerado um conservador pelos alunos, como a senhora lembra na introdução feita ao volume de inéditos *Política*. 40 anos depois, como analisa o pensamento mais voltado à política de Barthes. Ele estaria sintetizado em seus artigos e aulas, como aquelas reunidas no livro *O neutro?*

Leyla Perrone-Moisés - Na introdução a que você se refere tratei longamente das conflituosas relações de Barthes com a política. Ele não abandonou, até o fim da vida, a fundamentação marxista de suas posições. Mas, assim como se cansou do projeto totalizador da semiologia, aborreceu-se progressivamente com o dogmatismo do discurso político mili-

4 *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Nota da IHU On-Line)

5 *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Nota da IHU On-Line)

tante que, segundo ele, produzia uma *doxa* diversa da *doxa* social burguesa, mas igualmente autoritária. Por temperamento, Barthes não era um revolucionário, mas um anarquista.

IHU On-Line - Barthes é um autor atemporal, mas que viveu seu tempo: estão em sua obra experiências como o contato com a cultura oriental, com o cinema francês dos anos 60, com uma guinada anti-acadêmica etc. Num dos seus ensaios sobre a obra de Barthes, ele teria vivido, no fim de sua vida, “a triste época da ‘morte das ideologias’, da descon-fiança nos signos, da saturação das mensagens reduzidas ao simples estado de ruído”. Na sua opinião, Barthes anteviu uma era que se aprofundou nessa perda de referências?

Leyla Perrone-Moisés - Eu não diria que Barthes é “um autor atemporal”, porque ele era muito consciente do caráter histórico e provisório de qualquer discurso, inclusive do seu. Eu diria que ele é “um autor de longa duração”, já que, quase quarenta anos depois de sua morte, a maior parte de suas propostas teóricas se mantém atual.

Com a agudeza de visão que o caracterizava, ele viu os sinais da chamada “pós-modernidade”, e deixou vários registros dessa intuição. Certamente não teria lhe agradado viver uma época de perda de referências, porque toda a sua obra foi pautada em determinados valores éticos e estéticos da modernidade.

O imaginário de Lacan via Barthes

Ele já se interessava pela psicanálise antes de ler Lacan,⁶ mas o fato de este afirmar que “o inconsciente é uma linguagem” o atraiu para sua obra. Entretanto, como fez com vários pensadores de outras áreas, Barthes usou os conceitos de Lacan de modo pessoal e pouco ortodoxo. Para o psicanalista, o

6 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas esta é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Sobre Jacques Lacan, há a revista IHU On-Line número 267, *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, de 04-08-2008. (Nota da IHU On-Line)

“imaginário” é o campo do auto-engano e da neurose. Barthes resgatou o imaginário como fonte da criação artística, e reivindicou a exploração de seu próprio imaginário nos cursos que proferiu no Collège de France.

IHU On-Line - Em *Altas literaturas*, a senhora fala do escritor que também atua como crítico. Em livros como *Fragmentos de um discurso amoroso*, *Incidentes e Roland Barthes por Roland Barthes*, o crítico francês, que se sentia honrado quando alguém o chamava de escritor, apresenta, fascinado que era por Proust, um lado romancista, recortando fragmentos de sua história, ou ela apenas entreviu essa passagem e é difícil avaliá-lo sob tal perspectiva?

Leyla Perrone-Moisés - Barthes foi escritor enquanto ensaísta. Sua escrita é precisa, original e saborosa como a dos verdadeiros escritores. A partir de seu momento histórico, e depois dele, as distinções genéricas rígidas foram abandonadas na prática da literatura e, atualmente, o ensaio está plenamente integrado em muitas obras de ficção. Por isso, hoje podemos dizer tranquilamente que Barthes foi um grande escritor, afirmação que lhe parecia abusiva.

No fim de sua vida, saudoso da grande literatura do passado, concebeu o projeto de escrever um romance. Mas ele era demasiadamente crítico para poder voltar a um gênero que reconhecia como plenamente realizado no passado. Para ele, escrever um romance seria fazer uma obra como a de Proust,⁷ e esta já estava feita.

Num colóquio dedicado a Barthes em março deste ano, em Paris, foi exposta uma tese interessante. A de que *A preparação do romance*⁸ é uma obra conceitual, como aquelas produzidas nas artes plásticas. A obra (o romance) foi substituída pela descrição de seu projeto e de sua fatura, descrição

que se torna ela mesma obra de arte

A presença poética em Barthes

Barthes se dedicou muito mais ao estudo da prosa de ficção do que à poesia. Em *O grau zero da escrita*,⁹ ele manifestava certo desconforto com a poesia moderna, que lhe parecia inóspita. Mas ele reconheceu a importância de Mallarmé¹⁰ na história da literatura e, desde a *Aula*,¹¹ referiu-se a ele com frequência. A poesia também está muito presente em *A preparação do romance*, sob a forma do haicai japonês, estudado por ele com extraordinária sensibilidade.

IHU On-Line - Como aparece num dos textos de *A aventura semiológica*,¹² Barthes era contrário à visão aristotélica de mimesis. Alunos dele, como Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria*, contestam muitos argumentos de seus argumentos, voltando a Aristóteles como uma espécie de guia ainda definitivo da literatura. Era objetivo de Barthes desconstruir o discurso clássico? Mais: o discurso de Barthes se tornou “clássico” como o de Aristóteles, mesmo com menos distância para avaliarmos isso, ou essa aproximação é indevida?

Leyla Perrone-Moisés - A importância de Aristóteles, não só para o estruturalismo, mas para toda a moderna teoria literária, é grande demais para ser tratada numa resposta de entrevista. Barthes não contestou Aristóteles,¹³

9 *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Nota da IHU On-Line)

10 Stéphane Mallarmé (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé se utilizava dos símbolos para expressar a verdade através da sugestão, mais que da narração. Sua poesia e sua prosa se caracterizam pela musicalidade, a experimentação gramatical e um pensamento refinado e repleto de alusões que pode resultar em um texto às vezes obscuro. Seus poemas mais conhecidos são *L'après-midi d'un faune* (1876), *Herodias* (1869) e *Un coup de dés* (1897). Outras obras importantes de Mallarmé são a antologia *Verso e prosa* (1893) e o volume de ensaios em prosa *Divagações* (1897). (Nota da IHU On-Line)

11 *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1992. (Nota da IHU On-Line)

12 *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Nota da IHU On-Line)

13 Aristóteles de Estagira (384 a C.-322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições

contestou apenas a concepção da mimesis como reflexo do real. Na verdade, sua concepção do realismo como “efeito de real”, já está presente na *Poética* de Aristóteles. Quanto a Compagnon,¹⁴ ele é um excelente teórico e o melhor discípulo de Barthes, mas a meu ver mais conservador do que o mestre (veja-se *Os anti-modernos*¹⁵).

IHU On-Line - A coleção que a senhora organiza relançará dois livros de Barthes: *O sistema da moda* e *Sobre Racine*. O primeiro é voltado a uma análise semiótica do mundo do vestuário e *Sobre Racine* despertou a conhecida polêmica de Barthes com o crítico francês Raymond Picard, a qual a senhora analisa em seu livro sobre Barthes. O que torna esses livros ainda tão contemporâneos e atraentes para o leitor atual?

Leyla Perrone-Moisés - *O sistema da moda*, publicado no auge da semiologia, pertence àquela fase que Barthes renegeou posteriormente. Apesar disso, o livro foi pioneiro ao tomar o discurso sobre a moda como tema, e continua indispensável para os estudiosos do assunto.

O alvoroço provocado por *Sobre Racine*, na época de sua publicação, e sua rejeição pelos professores da Sorbonne eram mais do que justificadas. O tempo deu a vitória à “nova crítica”, inspirada nas ciências humanas. *Sobre Racine*, cuja revisão fiz há alguns dias, é um livro deslumbrante, um dos melhores escritos por Barthes como crítico. É um livro de grande inteligência e honestidade, pois questiona os fundamentos ideológicos da crítica literária. É pena que os leitores brasileiros atuais talvez não conheçam suficientemente a obra de Racine¹⁶ e sua fortuna crítica, para avaliar as inovações

áreas como ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

14 Antoine Compagnon (1950): crítico literário, autor de, entre outros livros, *O demônio da teoria* (Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999). (Nota da IHU On-Line)

15 *Les Antimodernes*, de Joseph de Maistre à Roland Barthes. Paris: Gallimard, 2005. (Nota da IHU On-Line)

16 Jean Racine (1639-1699): dramaturgo, temático e historiador francês. Autor de, entre outros, *Fedra*. (Nota da IHU On-Line)

7 Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922): escritor francês, autor de *Em busca do tempo perdido* e *No caminho de Swann*, entre outros livros. Sobre ele, confira a entrevista “Entre o riso e a melancolia: uma análise sobre Proust”, com Leda Tenório da Motta, nas *Notícias do Dia* de 29-01-2008, do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

8 *A preparação do romance – volumes I e II*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Nota da IHU On-Line)

trazidas por Barthes à leitura do autor clássico. De qualquer modo, o capítulo teórico final, intitulado “História ou literatura?” permanece espantosamente vivo. Todos os críticos literários e professores de literatura deveriam ler com atenção esse capítulo.

IHU On-Line - Como pensa que Barthes veria o mundo da literatura, a qual dizia amar de um “modo dilacerante”, dominado muitas vezes pelos estudos multiculturais que parecem antes estudar qualquer elemento extraliterário menos os livros e obras?
Leyla Perrone-Moisés - O amor de Barthes pela literatura era “dilacerante” porque ele pressentia, no fim de sua vida, a banalização da prática literária e o desprestígio que atingiria os estudos dessa área. Por ter-se apoiado na sociologia e na psicanálise, e por ter sido um desmistificador das ideologias, Barthes abriu caminho aos “estudos culturais”. Mas se tivesse visto a literatura tratada como mero documento, e utilizada para fins militantes, como ocorre nos “estudos culturais”, certamente os teria rejeitado.

PARA SABER...

Roland Barthes nasceu em Cherbourg, em 1915, e morreu em Paris, em 1980. Numa entrevista concedida a Jean Thibaudeau (In: *Inéditos*, vol. 4 – *Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2005), ele disse: “Meus estudos foram primeiramente no liceu de Bayonne, depois em Paris, no liceu Montaigne e em seguida, até o fim, no liceu Louis-Le-Grand. Dois meses depois de começar o bacharelado em filosofia, no dia 10 de maio de 1934, tive uma hemoptise e fui fazer um tratamento livre nos Pireneus, em Bedous, no vale do Aspe. Esse incidente interrompeu minha ‘vocação’: como era ‘bom em letras’, até ficar doente queria fazer a École Normale Supérieure; mas, voltando a Paris em 1935, contentei-me em preparar uma licenciatura em letras clássicas [...]”. A partir dos anos 1960, Barthes fez parte do movimento estruturalista, influenciado pelo lingüista Ferdinand de Saussure.

Ele utilizou a análise semiótica em revistas e propagandas, destacando seu conteúdo político. Em *Mitologias*, por exemplo, analisa os sistemas de códigos que nos são transmitidos e adotados como padrões. Segundo ele, esses conjuntos ideológicos eram às vezes absorvidos sem que se notasse, o que possibilitava e tornava viável o uso de veículos de comunicação para a persuasão. Entre suas obras, se destacam *O grau zero da escrita* (1953), *Elementos de Semiologia* (1965) *S/Z* (1970), *O prazer do texto* (1973), *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975) e *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977).

Teologia Pública

“A Igreja não pode estar desconectada do mundo”

Ordenação de mulheres e homossexuais está no centro das discussões da Igreja Anglicana. Para o reverendo cônego Francisco Assis da Silva, que participou da Conferência de Lambeth, a Igreja precisa estar aberta à sociedade e suas mudanças

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line, o reverendo cônego Francisco de Assis da Silva, secretário-geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, sediada em Porto Alegre, enfatizou que “o caráter de um cristão ou uma cristã não é única e exclusivamente determinado pela sua opção sexual”. Para ele, o debate sobre a ordenação de clérigos de orientação homossexual, exacerbado sobretudo na recente Conferência de Lambeth, vem sendo levantado em “sociedades do Primeiro Mundo até como reflexo da evolução da cultura e da legislação desses países em relação aos direitos civis dessas pessoas. A Igreja não pode estar desconectada do mundo e da sociedade que a cerca. Excluir pessoas do ministério da Igreja por razões de gênero e opção sexual é assumir o risco de que Deus prefere a uns e a outros não”. Silva acentua que tanto o movimento feminista quanto o gay possuem hoje visibilidade cultural e política irreversíveis. “Para as sociedades onde os padrões ainda são regidos por um forte androcentrismo, essa questão se torna difícil de assimilar. Como a leitura da Escritura é mediada culturalmente, tornam-se inevitáveis essas diferenças teológicas”. É o caso do argumento impeditivo para a ordenação de homossexuais.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a Conferência de Lambeth de forma geral? Quais as principais controvérsias atuais da comunhão anglicana que apareceram no encontro?

Francisco Silva - A Conferência foi um grande momento de nossa Comunhão. Penso que o método usado, enfatizando mais a partilha que liberações ou construção de resoluções, ajudou muito aos 670 bispos presentes a priorizarem o chamado processo de escuta, que vem ocorrendo dentro da Igreja.

O retiro inicial, liderado pelo Arcebispo de Cantuária,¹ enfatizando o ministério dos bispos e suas responsabilidades, também teve um efeito muito grande sobre o que ocorreu a seguir. Nada melhor do que os bispos entenderem com mais clareza os desafios de seu próprio ministério para que as discussões em torno de temas teológicos e éticos se tornem mais sinceras e humildes.

Houve também uma intensa ativi-

¹ Rowan Williams: teólogo primaz da Igreja Anglicana, arcebispo da Cantuária (Canterbury). (Nota da IHU On-Line)

dade litúrgica e devocional, bem como estudos bíblicos diários, aproximando mais e mais as pessoas entre si e criando uma atmosfera de confiança e mútuo respeito. Assim, as grandes controvérsias que se tem hoje dentro da Igreja puderam ser enfrentadas com maturidade e sincera atitude de escuta.

Campo minado

Basicamente, se tem hoje controvérsias em torno de ordenação de pessoas de orientação homossexual, em torno das bênçãos para casais de mesmo sexo e, ainda em alguns círculos, uma resistência à ordenação de mulheres ao episcopado. A maneira como alguns bispos e arcebispos têm agido nesse campo minado tem criado tensões através da violação da autonomia das Províncias por bispos conservadores, que alegam ser necessário atender pastoralmente as pessoas que divergem de orientações mais liberais. Isso tem afetado as relações entre as Províncias, e a Conferência acabou sendo também um espaço para se conversar francamente sobre isso.

A nota destoante foi o não comprometimento de cerca de 230 bispos conservadores que alegaram estarem descontentes com as posições liberais de algumas Províncias e, dessa forma, não puderam conversar francamente com seus pares. Houve perda de oportunidade para se avançar na busca de mais consenso em torno dessas questões.

IHU On-Line - Qual o significado e a importância do debate em torno da ordenação de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado e em relação aos padres homossexuais? Qual a fundamentação bíblica e a argumentação teológica que respaldam essa postura?

Francisco Silva - O significado é imensurável. Primeiro porque as mulheres constituem, sem dúvida, a maior fração de pessoas comprometidas com a Igreja onde quer que ela esteja. Segundo porque, contrariamente a uma leitura simplista da Escritura, as mulheres foram importantes protagonistas do ministério da Igreja, mesmo não sendo elas reconhecidas pelos seus contemporâneos como chamadas para ser apóstolos. A própria teologia paulina – apontado por alguns como machista

“Nada melhor do que os bispos entenderem com mais clareza os desafios de seu próprio ministério para que as discussões em torno de temas teológicos e éticos se tornem mais sinceras e humildes”

– estabelece que não existe diferença nem preferência de Deus, em Cristo, na relação com seu povo. Outro aspecto a considerar é que tanto o homem como a mulher são iguais no pecado e iguais na graça, não havendo razão lógica nenhuma para excluir por razões de gênero qualquer batizado de exercer plenamente seu ministério na Igreja. Isso inclui o acesso ao sacerdócio.

Questões hermenêuticas

Em relação aos clérigos e clérigas de orientação homoafetiva, a questão é mais complexa. Envolve valores estabelecidos culturalmente em relação a algo muito forte no inconsciente das pessoas e gera sempre muita tensão. O grande argumento para os que levantam a inaceitabilidade da ordenação de homossexuais é de razão escriturística. A homossexualidade está definida em alguns textos explicitamente como pecado. A crítica bíblica e a percepção dos contextos onde foram escritas as explícitas condenações ao homossexualismo trazem à tona a questão da hermenêutica. E é em torno dessa disputa que hoje a Comunhão Anglicana tem seu maior desafio. A questão da ordenação feminina ainda persiste – veja o exemplo de um grupo de clérigos da Igreja da Inglaterra que ameaçam voltar para Roma por causa da autorização sinodal de que as mulheres também podem ser bispas. Recordo-me que, em 1994, quando a Igreja da Inglaterra ordenou suas primeiras 32 presbíteras, um grupo de aproxi-

madamente uma centena de clérigos conservadores saiu da Igreja.

A questão dos clérigos de orientação homossexual tem sido levantada em sociedades do Primeiro Mundo até como reflexo da evolução da cultura e da legislação desses países em relação aos direitos civis dessas pessoas. A Igreja não pode estar desconectada do mundo e da sociedade que a cerca. Excluir pessoas do ministério da Igreja por razões de gênero e opção sexual é assumir o risco de que Deus prefere a uns e a outros não.

IHU On-Line - Quais os principais impactos que os temas da sexualidade e da ordenação de mulheres provocam na igreja anglicana pelo mundo, como no continente africano, por exemplo?

Francisco Silva - O grande impacto causado pelas questões da sexualidade e da ordenação feminina é o choque com culturas onde tradicionalmente as mulheres e as minorias estão excluídas dos processos de poder. Sociedades que ainda mantêm laços muito fortes com ancestralidades têm experimentado dificuldades de modernização. Praticamente o mundo saxônico e/ou latino espalhado pela Europa e Américas têm avançado na inclusão de segmentos femininos e gays num compasso que inclui avanço no campo de direitos e no campo cultural. Isso tem impacto imediato na vida das Igrejas desses países. Os movimentos feminista e gay adquiriram visibilidade cultural e política que são irreversíveis. Para as sociedades onde os padrões ainda são regidos por um forte androcentrismo, essa questão se torna difícil de assimilar. Como a leitura da Escritura é mediada culturalmente, tornam-se inevitáveis essas diferenças teológicas. Outro corte que pode ser feito é um tipo de leitura norte x sul que alguns conservadores querem construir, opondo colonialistas e colonizados. Isso provoca uma disputa de quem detém com mais pureza a ortodoxia da fé cristã.

IHU On-Line - Qual a importância do pronunciamento do cardeal Walter Kasper,² na Conferência para a pro-

² Walter Kasper: renomado teólogo alemão,

moção da unidade dos cristãos?

Francisco Silva - O cardeal Kasper tem tido um papel muito importante na superação de algumas dificuldades que enfrentamos nas relações anglicano-católico-romanas. Sua tarefa como Prefeito do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos é promover o diálogo entre as confissões cristãs. Sua declaração a respeito do cardeal Newman³ — bispo anglicano que liderou o chamado Movimento de Oxford e depois foi recebido pela Igreja Católica Romana — causou algumas interpretações equivocadas. Parece-me que devemos fazer uma leitura positiva de sua fala. Newman foi responsável pelo despertar de uma espiritualidade mais católica dentro da tradição anglicana. Isso, no entanto, não significa uniformidade na maneira de as Igrejas cristãs encararem todos os aspectos de sua eclesiologia. As Igrejas, exatamente por terem suas diferenças, são chamadas a dialogar e, nessa questão, anglicanos e católicos romanos estão já há mais de 40 anos, enfatizando os pontos de comum entendimento e amadurecendo a mútua compreensão nos pontos de diferente entendimento.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a relação entre católicos e anglicanos? Em que medida as discussões da Conferência de Lambeth impactam na relação com a Igreja Católica e na Igreja Católica em si?

Francisco Silva - Como decorrência da pergunta anterior, reafirmo que onde há uniformidade não há razão para diálogo. Eu penso que as relações entre anglicanos e católico-romanos estão cada vez mais alicerçadas em inúmeros pontos comuns e em ações comuns. Nossa presença e partilha em Conselhos Ecumênicos e a manutenção de diálogos bilaterais no mundo inteiro — a exemplo do Brasil como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CO-

cardeal, presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. (Nota da IHU On-Line)

³ **John Henry Newman** (1801-1890): bispo anglicano inglês, convertido ao catolicismo e nomeado cardeal pelo Papa Leão XIII em 1879. Foi um proeminente teólogo. Sobre a declaração de Walter Kasper a respeito de Newman, confira as **Notícias do Dia** 02-08-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos — IHU (www.unisinos.br/ihu), com o título “Em Lambeth, o cardeal Kasper invoca um novo Newman”. (Nota da IHU On-Line)

NIC) e Comissão Nacional Anglicano-Católico-Romana (CONAC) — demonstram que estamos no caminho. Assim como os discípulos no caminho de Emaús, estamos em um aprendizado.

Reconhecemos a riqueza de nossas tradições e de como elas estão intrinsecamente ligadas. As relações entre o Papa e o arcebispo de Cantuária têm sido de mútua escuta e oração. O que mais desejamos? Recentemente, aqui no Brasil, as duas Igrejas assinaram um comum reconhecimento de batismo junto com outras Igrejas históricas. Estamos nos preparando para a terceira

“Tanto o homem quanto a mulher são iguais no pecado e iguais na graça, não havendo razão lógica nenhuma para excluir por razões de gênero qualquer batizado de exercer plenamente seu ministério na Igreja”

Campanha da Fraternidade Ecumênica a ser realizada em 2010, cujo tema é “Economia e Vida”. Agimos juntos na defesa dos direitos à dignidade humana em diversas organizações.

Com relação à Conferência de Lambeth, ficou evidente o respeito, o carinho e a escuta de inúmeras outras tradições cristãs, inclusive de representantes da própria Igreja Católica Romana. Na mensagem final da Conferência, foi dito que tudo o que discutimos e tudo o que consensuamos como representando nosso sentimento como liderança de uma Igreja o oferecíamos humildemente à consideração dos irmãos e irmãs de outras famílias cristãs. Dessa forma, vejo que galgamos mais um degrau da nossa busca da unidade. E, se algumas de nossas particularidades não são tão naturalmente aceitas, o mínimo que podemos

fazer é continuar buscando uma melhor compreensão.

IHU On-Line - Em relação aos padres homossexuais, como se vive essa questão nas paróquias? Como os fiéis reagem?

Francisco Silva - Eu tenho visto muitos exemplos de comunidades que não estão com suas idéias fixas a respeito de como as pessoas encaram, vivem e administram sua sexualidade. O caráter de um cristão ou uma cristã não é única e exclusivamente determinado pela sua opção sexual. Conhecemos muitas pessoas que vivem sua afetividade inspirada em valores que são indiscutíveis e recomendáveis do ponto de vista ético: amor, respeito e compromisso. Como a questão da sexualidade afeta níveis de nosso ser que têm raízes no mais profundo inconsciente, é lógico que há diferentes maneiras de os fiéis encararem a questão de padres e/ou reverendos homossexuais. Dentro da própria Igreja Anglicana, podemos encontrar desde uma postura de natural aceitação dessa realidade até uma completa e incômoda rejeição. Mais que uma ponderação, eu gostaria de citar um exemplo que ouvi com meus próprios ouvidos na Paróquia Anglicana de Novo Hamburgo, onde fui pároco recentemente. Quando saiu a notícia de que fora eleito e consagrado um bispo gay nos Estados Unidos, Gene Robinson, de New Hampshire, consagrado em 2003, em uma reunião de junta paroquial, um leigo já avançado em dias e com uma fé digna de registro no meio da comunidade disse assim: “Se o povo e o clero dessa diocese elegeram essa pessoa para ser bispo, é porque mérito ele tem!”. Eu mesmo fiquei impressionado por esse testemunho, pois até para mim aquela situação se mostrava difícil pelas conseqüências que aquela escolha poderia causar (e que causou efetivamente) dentro da Comunhão Anglicana. Essa tem sido a postura da maioria das pessoas dentro das paróquias anglicanas em nosso país. Conheço reverendos e reverendas que têm realizado um frutífero ministério junto às comunidades, como excelentes teólogos e pastores, e nos quais a questão da sexualidade é administrada com muito respeito e através de um excelente testemunho.

Invenção

Editoria de Poesia

Reynaldo Damazio

POR ANDRÉ DICK

O poeta, ensaísta e editor Reynaldo Damazio nasceu em agosto de 1963, na cidade de São Paulo (SP), tendo morado dos 7 aos 14 anos em João Pessoa, Paraíba. Bacharel em Ciências Sociais pela USP, atualmente conclui mestrado interdisciplinar sobre Lima Barreto na Universidade São Marcos. Foi editor assistente no departamento de publicações do Memorial da América Latina — onde elaborou e coordenou o projeto *Poetas na Biblioteca* —, e editor executivo da Marco Editora, da Universidade São Marcos — atuando também na coordenação dos projetos Literatura em SP e Universo do Conhecimento. Atualmente, é editor assistente da revista *Mente & Cérebro* e co-editor do *Caderno de Leitura Edusp*. Criou, além disso, o site literário *Weblivros*, com o designer gráfico Ricardo Botelho, em 1998, e dirige e integra o conselho editorial do periódico *K — Jornal de Crítica*.

Entre as publicações, além de participar de antologias de poesia, é autor dos livros *O que é criança* (São Paulo: Brasiliense, 1988), *Nu entre nuvens* (São Paulo: Ciência do Acidente, 2001), este de poesia, e organizador de *Drummond revisitado* (São Paulo: Marco Editora, 2002), que reúne ensaios dedicados aos 100 anos de nascimento do poeta mineiro.

A poesia de Damazio se caracteriza por um equilíbrio entre imagens e sonoridades, caracterizando uma busca da síntese moderna, à busca também da metalinguagem. Por isso, num poema como “Desmesurado humano”, ele aponta um diálogo com o Drummond de “Áporo”, que se refere a uma “orquídea antieuclediana”: “A fúria que amiúde / Me fascina / Não é a do intelecto / Fescenina / Mas a do corpo / Anti-euclediana / Feminina / / Aquela

que arrebatava / Salto cego / E faz da presa / Amuleto / Gesta do gozo obscuro / Extrai do tato / Seu sustento”. Há, uma sonoridade mais reverberativa em Damazio, voltada a uma minúcia vocabular, mas que não abandona, por outro lado, a temática, que se refere aos cinco sentidos do corpo. Essa corporificação ele tenta traduzir em sonoridade na segunda estrofe desse poema: “Vivo fruto sem polpa / Flor transversa / Tesa trama de amianto / Feita de pele / Matéria lassa / Que contra si revele / O espanto / / A fúria do corpo / Não é mental / Antes um soco / Aos poucos instalado / No incerto do gesto / Oca caverna / Desabrigo do mito”.

Este mito moderno Reynaldo Damazio também procura recuperar num diálogo que estabelece com as poesias do fingidor Fernando Pessoa e do labiríntico Mário de Sá-Carneiro, e com o pensamento filosófico de Descartes, em “Res cogitans”: “Penso, logo minto. / No que vejo, incerto, / reside o infinito, / pesadelo sem objeto. / / E se afino o tato, / mesmo sem afinco, / o real me escapa, / paródia de labirinto”.

Sons da metalinguagem

Por isso, alguns poemas de Damazio, mais do que trazer imagens e sonoridades, parecem caracterizar a própria essência da linguagem, como se fosse desenrolando um novelo em que a sintaxe desempenha um papel básico de contenção: “tempo, espaço, gesto: / frase ou mera mímica? / / anêmica a palavra míngua / à revelia do sentido / / sem norte, ensimesmada, / arremedo de tatibitate, / / ora engodo, ora miasma, / lance de dados viciados / / rouca ou farpa a voz

/ perde o fio da meada / e adentra a selva obscura / coisa mental no branco imenso”. Apenas neste poema, intitulado “Treze”, Reynaldo faz referência a Mallarmé (“lance de dados”, referindo-se ao poema *Un coup de dés*) e a Dante Alighieri da *Divina comédia* (por meio da expressão “selva obscura”). Além, é claro, de se referir ao “branco imenso” da modernidade (da página em branco, a ser preenchida), remetendo ao “Me ilumino d’imenso” (do poeta italiano Giuseppe Ungaretti). Ou seja, trata-se de uma poesia que não apenas trabalha com o papel central da linguagem, mas que reinterpreta as leituras.

No entanto, existe, junto a esse trabalho com a sonoridade, um agrupamento de imagens em certos poemas de Damazio, como “Fábula para anfíbios”. Uma imagética quase surrealista, remetendo ao universo das fábulas: “o menino menor trouxe na mão o ciclone / o maior, o dragão afônico / ambos queriam um cometa que levasse a princesa / ao nocaute / ora, não sei cantar estrelas / embora adivinhe a partitura”. Também em “Digital”, temos a referência ao toque do corpo e à linguagem que ele proporciona, aliada a analogias: “Os dedos que dedilham as instâncias do corpo / não são os que teclam a mensagem / que por sua vez enrodilham caracóis / na água mansa do poço / tampouco os que colhem a falsa dádiva / enquanto manipulam o tempo / nos grãos de areia”. Uma mistura entre sonoridades e imagens é o que podemos ver nos poemas inéditos que Damazio enviou à **IHU On-Line**, em que a expansão e a síntese — até numa remodelização do soneto, com quartetos e tercetos sem rimas, como nos *Sonetos brancos*, de Murilo Mendes — estão presentes.

CASCA

Apenas uma casca, quer se exponha ao exame público, ao espetáculo da nomeação (um tênue invólucro que se articula em artimanhas), alheia a controvérsias, rarefeita de quase verdades, não fora sua condição de metáfora, seu fascínio por tudo que lhe é externo, quer se imponha metas e limites; uma casca que se preencha com improbidades, com desejos torpes e necessidades fabricadas como um caso de vida ou morte, se morrer fosse óbvio, ou viver uma frivolidade, ainda que em seu âmago de casca, no extremo da concretude, lá onde os sentimentos se excluem, simulação de gestos plausíveis, as palavras sejam convincentes e a voz adquira uma propriedade nauseante; em seu modo de corpo a casca se dissimula, não porque se renove, ou se remova, ou ainda revele um segredo sem muita importância para curiosos, mas por uma vontade ínfima de potência, uma ânsia de presença, quer se formule lenta e pensante, talvez um embrião, quer inocule uma pendência, como um vício que se expande por falta de melhor alento – ou argumento?

O NÃO

não era nada
não tinha nada
corpo não era carne
pústula não era dor
mente não era fábula
roto não era mortalha

não é nada, não
já passou

MEMÓRIA DA DECOMPOSIÇÃO

A noite não deixa marcas em meu sonho;
os passos se perdem na calçada e nada
pode ser mais preciso, mais tortuoso, que
o esquecimento do desejo, o fim da

fagulha entrevista no olhar que me
procurava (ao menos assim o imaginei)
em dias de vento frio, em noites de
sede e tédio, quando a violência das ruas

gritava nos telejornais e fingíamos que
havia um mundo quase perfeito, circuns-
crito entre bares, cinemas, cafés, móveis

baratos de um apartamento alugado a
preço de banana, no centro velho de
uma metrópole que já não existe.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 18-08-2008 a 23-08-2008.

Aborto: “Uma realidade para toda mulher em idade reprodutiva”

Entrevista com Paula Viana

Confira nas Notícias do Dia 18-08-2008.

Estimativas indicam que anualmente são feitos um milhão e cem mil abortos inseguros no Brasil, o que indica que este assunto faz parte do cotidiano de todas as mulheres.

Metade Sul do RS: esquecida pelo governo, suprimida pela celulose

Entrevista com Felipe Amaral

Confira nas Notícias do Dia 19-08-2008

Para o ecólogo, por mais de 20 anos a Metade Sul do Rio Grande do Sul não obteve atenção por parte dos governos estaduais, enquanto o atual apresenta uma alternativa que “aumenta a pobreza pelo simples fato de suprimir oportunidades e potencialidades, por não valorizar as aptidões naturais produtivas e a cultura da região”.

A subjetividade e a realidade da mulher a partir da obra de Frida Kahlo

Entrevista com Vanessa Macedo

Confira nas Notícias do Dia 20-08-2008

Uma mulher que transformou a própria realidade em arte e fez com que o mundo, através do seu trabalho, repensasse o espaço e o papel da mulher. Essa é a Frida Kahlo analisada por Vanessa Macedo nesta entrevista.

Partidos políticos brasileiros: entendendo o passado

para compreender o presente

Entrevista com Rodrigo Patto Sá Motta

Confira nas Notícias do Dia 21-08-2008

Para o entrevistado, a história dos partidos políticos brasileiros é acidentada e tumultuada. Ele afirma que “a extinção e formação de novas organizações sempre coincidiram com grandes mudanças nas estruturas do Estado brasileiro, geradas por revoluções e golpes políticos”.

“Deus ocupa o espaço que nós lhe damos, Ele entra onde nós abrimos as portas”

Entrevista com Paulo Suess

Confira nas Notícias do Dia 22-08-2008

“Nós precisamos de um pluralismo nas celebrações, de um pluralismo de teologias, de um pluralismo de pastores para os diferentes grupos”, afirma o teólogo durante a conversa que teve com a IHU On-Line.

Espiritualidade na ação, testemunho na prática A trajetória de Claudio Perani

Entrevista com Joviniano Neto

Confira nas Notícias do Dia 23-08-2008

Investindo em educação e formação política é que poderemos pensar em desenvolver homens novos para construir um novo mundo. Eis o que pensava Claudio Perani. Seu pensamento é lembrado aqui pelo cientista político baiano.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU – www.unisinos.br/ihu, no dia 20-08-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 25-08-2008
<i>EAD – Espaço de Espiritualidade I – Abrir os olhos</i>
<p>Etapa 1: Viver com olhos abertos</p> <p>Esta é uma etapa introdutória na qual aprenderemos a fazer uso das ferramentas do EAD, assim como nos iremos introduzindo no sentido e metodologia da caminhada.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orientações sobre o uso do EAD. • Explicação da caminhada e sua metodologia. <p>• O ponto de partida é dar voz aos desejos e sonhos pessoais no contexto em que vivemos.</p>
Dia 28-08-2008
<i>IHU Idéias</i>
<p>Formação e trabalho em narrativas</p> <p>Palestrante: Prof. Dr. Leandro Pinheiro – Projeto Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários / Unisinos</p> <p>Horário: das 17h30min às 19h</p> <p>Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p>
Dia 01-09-2008
<i>Encontros de Ética</i>
<p>Trabalho associado e ecologia: em busca de uma racionalidade ética, terna e democrática</p> <p>Palestrante: Prof. Dr. Telmo Adams</p> <p>Horário: segunda-feira, das 17h30min às 19h</p> <p>Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU</p>
Dia 01-09-2008
<i>EAD - Espaço de Espiritualidade I - Abrir os olhos</i>
<p>Etapa 2: Olhar ao nosso interior</p> <p>Nesta etapa, faremos, com novos olhos, uma releitura de nossa história pessoal. Para isso, é necessário desligar-nos do barulho cotidiano e saborear o silêncio, introduzindo-nos aos poucos na vida de oração.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer uma releitura e narrativa da história pessoal. • Aprender a gostar do silêncio. <p>• Os salmos como oração do povo de Deus. Significado e sentido para nós hoje.</p>

PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Trabalho associado e ecologia: em busca de uma racionalidade ética, terna e democrática

Para Telmo Adams, a ecologia tem ligação com a sustentabilidade, com uma compreensão sistêmica da vida num processo dinâmico de co-evolução

POR BRUNA QUADROS

Trabalho associado e ecologia: em busca de uma racionalidade ética, terna e democrática é o tema da próxima edição do evento Encontros de Ética, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Quem irá explanar o tema é o professor Telmo Adams que, em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line, afirmou que o trabalho associado tem como horizonte pelo menos três dimensões: participação igualitária e co-responsável na propriedade, na gestão e nos resultados, numa convivência respeitosa, solidária e cuidadosa com o socioambiente. Segundo ele, a principal finalidade de empreendimentos de trabalho associado é a cooperação em vista da satisfação das necessidades humanas fundamentais, onde os participantes exercem a liberdade e autonomia possível na criação e recriação de um mundo do trabalho com relações sociais de convivência solidárias. “Em todo trabalho, mesmo no individual e assalariado marcado por um maior ou menor grau de exploração, está presente algum tipo de associatividade. Mas o fato de todo trabalho ser social não elimina a exploração.”

Telmo Adams é educador com licenciatura plena em Filosofia, especialização em Pastoral Popular, especialização em Cooperativismo, com mestrado em Serviço Social (PUCRS) e Doutorado em Educação (Unisinos). Atualmente, é professor em cursos de especialização (Cooperativismo (Unisinos) e Gestão de Pessoas (Universidade Católica de Pelotas – UCPel), escritor, pesquisador e assessor nas áreas de políticas públicas, educação/formação em experiências de trabalho associado – Economia Popular Solidária, educação ambiental e metodologia de educação e pastoral popular.

IHU On-Line - Em seus estudos, o senhor afirma que, historicamente, era pelo trabalho que o ser humano construía sua identidade social e profissional. Hoje, que outros elementos atuam neste processo e de que forma interferem nas relações humanas?

Telmo Adams - O trabalho, no sentido amplo, continua a influenciar a identidade social e profissional, porém não mais como na forma tradicional. Para situar o tema, trago umas idéias introdutórias sobre os sentidos do trabalho que não se restringe à ação produtora de mercadorias, mas inclui igualmente todas as ações humanas que envolvem

a vida individual e social. O trabalho humano congrega toda a atividade produtiva e criativa de bens materiais e imateriais, produzindo o próprio homem, a cultura. O ser humano produz a cultura que, por sua vez, exerce influência sobre ele, podendo tanto humanizá-lo como desumanizá-lo. Neste sentido, acredito que o trabalho como conjunto da atividade humana que assegura a sobrevivência da vida da espécie – seja no espaço individual ou coletivo, seja atividade remunerada ou outra para a manutenção da vida privada, bem como comunitária, social e cultural – continua, sim, desempenhando um papel mediador, um

princípio educativo que constitui os sujeitos. Nos últimos anos, porém, outros fatores entraram em cena na experiência de vida em sociedade com as profundas transformações ocorridas no mundo do trabalho. Ou seja, o ser humano continua se constituindo, construindo sua identidade na experiência da vida, através do que ele faz. No entanto, a multiplicidade de influências sobre os sujeitos é composta por um leque cada vez mais extenso, sobretudo devido às novas tecnologias. Além, disso, influenciam, na formação identitária e nas relações humanas em geral, os ambientes complexos do mundo da vida, das relações sociais

com concentração de aspectos favoráveis para a convivência e, ao mesmo tempo, pelo agrupamento de problemas e fragmentações provocadas pela violência humana, degradação social, ambiental e ética.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a redução do trabalho a um fator de produção, uma possível consequência do capitalismo? Além disso, como a relação entre produção e trabalho inviabiliza a emancipação humana e social?

Telmo Adams - No capitalismo, o trabalho é reduzido a fator de produção quando alguém compra e outros vendem a força de trabalho com a finalidade de produzir para o lucro. O dono dos meios de produção apropria-se dos frutos do trabalho separando o produto do seu produtor. E, como sabemos, na relação assalariada, a troca de trabalho por um salário, para a maioria dos “dos que vivem do trabalho”, significa uma precária condição de sobrevivência. Chegamos ao absurdo quando o trabalho passa a ser uma mercadoria, menos importante do que a máquina, o dinheiro. Em vez do ser humano, é o capital que ganha *status* de gente na medida em que a criação de produtos, como a tecnologia e a própria possibilidade de ser feliz são atribuídas a ele, isto é, ao capital. Portanto, reduzir o trabalho a fator de produção é reduzir o sujeito do trabalho a um mero instrumento de obtenção de lucro. No mercado de trabalho capitalista o trabalhador é levado a assumir o ônus da máxima produtividade, sendo “contratado” sem os direitos historicamente conquistados (13º salário, férias, INSS, FGTS, seguro desemprego) em meio a um ambiente de crescente competição. O pagamento do trabalho pelo contratante fica condicionado ao alcance do resultado mais lucrativo. O trabalhador, em condições de pressão, vive o desespero e a incerteza diante do futuro, auto-explorando-se nas 24 horas do dia para atingir metas cada vez mais exigentes. Ora, pode haver emancipação humana e social em tais situações degradantes? Se a emancipação humana e social significa a realização integral do ser humano, concluímos que a redução do trabalho a um fator

“Na relação assalariada, a troca de trabalho por um salário, para a maioria dos ‘dos que vivem do trabalho’, significa uma precária condição de sobrevivência”

de produção de lucro desvirtua o sentido ontológico do trabalho. De outro lado, a crescente hierarquização do mundo do trabalho diminui o número de trabalhadores que estão no topo da pirâmide e, conseqüentemente, amplia a massa dos marginalizados que são obrigados a encontrar quaisquer maneiras de reproduzirem suas vidas, em meio a todo tipo de precariedades, contradizendo a possibilidade do trabalho emancipador.

IHU On-Line - O senhor lançou a seguinte questão em sua pesquisa sobre trabalho associado: como se coloca o trabalho associado na complexidade do mundo do trabalho? Poderia nos responder a esta pergunta?

Telmo Adams - Em todo trabalho, mesmo no individual e assalariado marcado por um maior ou menor grau de exploração, está presente algum tipo de associatividade. Mas o fato de todo trabalho ser social não elimina a exploração. Senão vejamos: numa empresa capitalista, o trabalho se realiza coletivamente, com a participação de todos. Os resultados dessa produção coletiva são apropriados pelo seu proprietário e não pelos trabalhadores contratados (com ou sem vínculo legal). A designação trabalho associa-

do¹ pressupõe um conjunto de ações de caráter associativo e solidário, como é o caso de empreendimentos produtivos afinados com os princípios da economia popular solidária. A finalidade de empreendimentos de trabalho associado é, em primeiro lugar, a cooperação em vista da satisfação das necessidades humanas fundamentais, onde os participantes exercem a liberdade e autonomia possível na criação e recriação de um mundo do trabalho com relações sociais de convivência solidárias. Distintamente da forma de trabalho capitalista, os trabalhadores associados articulam estrategicamente os fatores do trabalho e da solidariedade para que estes dêem a direção aos demais fatores de produção, dentro dos limites da lógica do mercado hegemônico. A finalidade mobilizadora é a partilha equitativa dos resultados do trabalho para o bem-viver.² O trabalho associado tem como horizonte pelo menos três dimensões: participação igualitária e co-responsável na propriedade, na gestão e nos resultados, numa convivência respeitosa, solidária e cuidadosa com o socioambiente. Como nenhuma economia se torna solidária só porque as pessoas são boas e generosas, o alcance destas metas acontece de forma variada de acordo com as condições estruturais de ordem socioeconômico-político e cultural. Dependente igualmente, entre outros fatores, da capacidade de compreensão, orga-

1 Lia Tiriba (2001; 2006, p. 118) utiliza, com sentido equivalente a trabalho associado, a categoria “produção associada” em dois sentidos: a) a reprodução da classe-que-vive-do-trabalho requer uma verdadeira produção associada com redes de solidariedade e colaboração cotidiana com coordenação do esforço coletivo do conjunto de pessoas que compõem a unidade de produção; b) um segundo sentido, coloca-se no horizonte econômico-filosófico marxista no qual a produção associada é entendida como unidade básica da sociedade dos produtores livremente associados na produção. Prefiro utilizar ‘trabalho associado’ sintonizando, prioritariamente, com o primeiro sentido, ficando a segunda compreensão de fato como um horizonte – a utopia –, mas ainda não a realidade de “produtores livremente associados na produção”. (Nota do entrevistado)

2 O condicionante desta intencionalidade limita a desejada autonomia, que é condicionada pelas regras colocadas desde a economia capitalista hegemônica, à qual, em última instância, os empreendimentos solidários acabam se sujeitando para poderem sobreviver. (Nota do entrevistado)

nização e gestão do trabalho além da desenvoltura profissional dos sujeitos envolvidos. Nesta compreensão, o trabalho associado pode constituir-se no tensionamento de referência entre a produção capitalista hegemônica e a possibilidade da produção autogestionária. Mas assumir esta real ou potencial centralidade no movimento contra-hegemônico da sociedade não significa ausência de contradições. De um lado, há a subordinação à forma hegemônica de produção capitalista; de outro, a possibilidade de geração de uma nova sociabilidade, novos saberes, com a formação de um *ethos* da cultura do trabalho.

IHU On-Line - O senhor propõe um conceito de ecologia que promova a integração das dimensões biológica, cognitiva, social e ética da vida para enfrentar a crise civilizacional que hoje vivemos. Em que parâmetros tal conceito se alicerçaria? Estamos diante de alcançá-lo?

Telmo Adams - Acredito que estamos diante da possibilidade de assumir um caminho em direção a um outro paradigma civilizacional. Mas estamos longe de alcançá-lo. O conceito original de ecologia evoca uma crescente preocupação ética que implica uma relação de convivência com a natureza obedecendo à sua lógica interna, sempre na perspectiva de preservação. José Lutzenberger³ definiu a ecologia como “ciência da sinfonia da vida”, como “ciência da sobrevivência”. A ecologia tem ligação com a sustentabilidade, com uma compre-

3 José Antônio Lutzenberger (1926-2002): foi um agrônomo e ecologista brasileiro que participou ativamente na luta pela conservação e preservação ambiental. Foi também secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. Em 1971, depois de treze anos como executivo da Basf, abandonou a carreira para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul. A partir de então, se dedicou à natureza e defendeu o desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis, alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. Participou da fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) — uma das entidades ambientalistas mais antigas do país — e criou a Fundação Gaia. Leia mais na edição número 18 da revista *IHU On-Line*, intitulada *Lutzenberger: uma vida em favor da natureza*, publicada em 20 de maio de 2002. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

“Acredito que estamos diante da possibilidade de assumir um caminho em direção a um outro paradigma civilizacional. Mas estamos longe de alcançá-lo”

ensão sistêmica da vida num processo dinâmico de co-evolução. Luiz Carlos Restrepo apela para o paradigma da ecoternura,⁴ com um “chamado à ternura e à recuperação da sensibilidade”, abandonando a lógica da guerra contra a natureza e todas as formas de vida. Um novo paradigma em ascensão caracteriza-se pela “religação, re-encantamento pela natureza”.⁵ Traz a marca da compaixão pelos que sofrem as conseqüências do paradigma crematístico, da ternura para com a vida e da pertença amorosa à mãe terra. A nova racionalidade cosmopolita poderá concretizar-se, mas possivelmente não sem o retorno a sentidos *ontológicos* que compreendem um “conjunto de princípios que condiciona transculturalmente o comportamento humano”.⁶ Martínez Alier⁷ defende o ecologismo popular

4 Para o autor, “ecoternura é desburocratizar o conhecimento, convertendo sua produção e conservação numa prática de autogestão” em vista de uma racionalidade ecológica que não exclua a ternura e não se feche na “arrogância imperial”. “Não é possível continuarmos pensando o técnico como sede do saber, porque o conhecimento não está aqui nem ali, nem no sujeito nem no objeto, mas num lugar intermediário, lugar de interação e da construção conjunta” (Restrepo, 2001, p. 84-85). (Nota do entrevistado)

5 BOFF, Leonardo (1999). *Saber cuidar: ética do humano — Compaixão pela terra*. 4. ed. Petrópolis: Vozes. (Nota do entrevistado)

6 Comportamento humano: BOFF, Leonardo (1995). *Principio-Terra: a volta à terra como pátria comum*. São Paulo: Editora Ática. (Nota do entrevistado)

7 MARTÍNEZ ALIER, Joan (1998). *Da economia*

tendo como base de sua compreensão a possibilidade de uma economia mais ecológica, equitativa e solidária.⁸ Tal perspectiva é favorecida em função de que as próprias contradições resultantes do paradigma produtivista e exploratório geram múltiplas reações por parte de um número crescente de pessoas, grupos humanos, organizações e instituições das sociedades.

IHU On-Line - Qual é a proposta do conceito de ecologia de saberes e em que medida ele está inserido no contexto social de cada sujeito?

Telmo Adams - Trata-se de uma ecologia que parte da singularidade do saber ecológico que é relacional e complexo.⁹ Conforme Boaventura de Sousa Santos,¹⁰ utilizo a ecologia de saberes com o sentido de dar consistência e legitimação epistemológica ao saber propositivo de caráter emancipatório. Ecologia assume a idéia de multiplicidade e de relações não destrutivas entre os agentes pro-

ecológica ao ecologismo popular. Tradução de Armando de Melo Lisboa. Blumenau, SC: Ed. da FURB. (Nota do entrevistado)

8 Possibilidade de uma economia: Na trilha de Aristóteles, autores como Karl Polanyi (1992) e Martínez Alier (1998) assumem a diferença entre a economia (*oikonomia*, em grego), entendida como o provisãoamento material-energético da casa e da polis (seria hoje a ecologia humana), e crematística, a forma de economia mercantil enquanto estudo dos preços e sua manipulação para ganhar dinheiro (que hoje se chama ciência econômica). Na sociedade de mercado capitalista, o objetivo é o acúmulo de ganhos monetários. Em outras economias, o que se busca é a reprodução material da própria vida. Frente aos desastrosos impactos ecológicos da forma crematística, isto é, predatória de economia, “Trata-se de construir uma sociedade mais ecológica, com o apoio daqueles prejudicados pela distribuição desigual das oportunidades econômicas e também pela distribuição ecológica desigual” (Martínez Alier, 1998, p. 372). (Nota do entrevistado)

9 Racional e complexo: Fundamento-me aqui na concepção de complexidade como interação entre todas as realidades existentes no cosmos, racionalidades e dimensões da vida individual e coletiva. São bases dessa compreensão o ecofeminismo, os estudos de Fritjof Capra (2002), Edgar Morin (1998, 2002) e os autores do pós-colonialismo, alguns dos quais assumem uma perspectiva histórico-crítica (de oposição) foram utilizados na argumentação teórica na presente pesquisa. (Nota do entrevistado)

10 SANTOS, Boaventura de Sousa. (2004). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, p. 777-819. (Nota do entrevistado)

tagonistas das diferentes práticas. A idéia dessa ecologia pressupõe que a realidade não pode ser reduzida ao que existe e, por isso, inclui as realidades ausentes porque foram silenciadas, supressas ou marginalizadas. A ecologia de saberes visa a facilitar, em última instância, a constituição de sujeitos democráticos, individual e coletivamente, que sejam capazes de combinar a compreensão relacional dos fatos com crescente paixão e vontade de lutar contra a opressão, mas com humildade, característica da postura da pessoa aprendiz e educadora. A perspectiva da ecologia de saberes fundamenta-se na consciência de incompletude. Trata-se de uma construção solidária, não colonialista: saberes construídos sempre de maneira processual, histórica e coletiva.

IHU On-Line - De que forma trabalho e ecologia dialogam, na busca de uma racionalidade ética, terna e democrática? Por que o senhor optou por abordar a associação trabalho-ecologia?

Telmo Adams - A ecologia de saberes propõe-se a assumir, em última análise, um horizonte ético e democrático que priorize a igualdade de oportunidades. O desafio está em ousar na reflexão histórico-crítica sobre os processos coletivos das organizações e lutas emancipatórias. As ecologias de saberes são construídas através de práticas sociais aonde o novo *ethos* terno e democrático vai se consolidando. O trabalho humano pode continuar corroborando para avançar no processo de depreciação e degradação ambiental e social. Mas pode também colocar-se na perspectiva do paradigma do cuidado, estabelecendo novas relações de convivência dos trabalhadores entre si, fortalecendo a dimensão emancipadora, bem como a convivência terna com os demais seres existentes. Podemos assim concluir que há uma intrínseca relação entre trabalho e ecologia. O horizonte ético exige superar a formalidade insensível das relações utilitaristas na atual sociedade comprometendo-se com uma nova cultura solidária, terna e radicalmente democrática a ser cultivada, praticada em todos os ambientes da vida.

Perfil Popular

Maria Noeli Soares

POR BRUNA QUADROS

Nesta semana, quem conta a sua trajetória de vida é Maria Noeli Soares, que abriu as portas da sua casa, na Vila Elza, em São Leopoldo, para receber a equipe da revista **IHU On-Line**. Há oito anos, ela e sua família formaram um grupo de trabalho, o Família Soares, que se fundamenta nos princípios da Economia Solidária. É a fonte de renda da casa, que está sempre em ritmo acelerado, para dar conta da quantidade de encomendas de tortas, pães e cucas, além de refeições. Acompanhe, a seguir, relatos da história de Maria Noeli, o Perfil Popular desta edição:



BRUNA QUADROS

Nem com problemas de saúde Maria Noeli Soares, 50 anos, pára. Há poucos dias, ela teve uma infecção nas artérias da perna, provocada pela má circulação sanguínea, o que não a fez deixar de lado o trabalho no grupo Família Soares. “Não era para eu caminhar, nem fazer nada, só ficar com a perna para cima. Mas não posso parar, tenho que trabalhar.” O grupo Família Soares, que se alicerça nos princípios da Economia Solidária, começou no ano 2000. “São nove pessoas, além

das crianças, que já estão começando a se envolver”, destaca Maria Noeli. O trabalho, que não dá folga, consiste em preparar refeições, além de pães, cucas e tortas, feitos sob encomenda ou para feiras populares. “Começamos vendendo bolachas pela vizinhança. Nos finais de semana, cada um saía com o seu cesto.”

É do trabalho desenvolvido no grupo que vem a renda da família, de R\$ 800 mensais. Além do engajamento, a marca forte do grupo é a união. “Se

um não tem, o outro ajuda. A prioridade é ajudar dentro da saúde e pensar no bem-estar do outro. Se precisar, a gente até deixa de pagar uma conta.” O porto seguro do grupo é Ondina Soares da Silva, de 76 anos de idade, mãe de Maria Noeli. “Às vezes, estamos em algum evento e precisamos de mais pizza, mais produtos, pedimos para a dona Ondina nos ajudar”, conta a filha, orgulhosa. O trabalho, do qual Maria Noeli aprendeu a gostar, tem, hoje, muito valor para ela. “Aprendi a respeitar os meus colegas, como eles me respeitam. A cada dia, tu aprende com alguém. Eu não consigo largar esta atividade.”

O impulso para ingressar neste trabalho é herança dos pais de Maria Noeli, porque, desde criança, ela ajudava na rotina de casa. “Meu pai João Agenor da Silva, falecido há 18 anos, trabalhava com gado, leite e plantação. Então, aprendemos o trabalho comunitário. Ele arrancava aipim, arrumava as sacolinhas e cada um ia para um lado levar o produto para os clientes.” Na época, Maria Noeli, que é a mais velha de quatro irmãos, estava com 10 anos de idade. Desde então, ela aprendeu a ter responsabilidade.

Em meio a uma rotina de muito trabalho, Maria Noeli faz uma pausa para se distrair. “Quando tenho um tempinho, gosto de conversar. Meu marido até brinca: ‘Garanto que tu já tá fofocando’.” Além de um bom bate-papo, ela também costuma assistir aos ensaios da Academia de Samba da Zona Norte, escola de samba de São Leopoldo.

Morando há 43 anos na Vila Elza, em São Leopoldo, Maria Noeli reconhece o crescimento do local. “Quando viemos morar aqui, eram apenas cinco moradores. Hoje, a comunidade é mais desenvolvida.” Foi no período em que a vizinhança era pequena que Maria Noeli passou a infância. “Meu pai era meio rígido. Então, a gente era mais caseiro, não saía muito de casa. A gente estudava, voltava do colégio, fazia a lição e ia para a lida: tirar um pasto para uma vaca, colocar lenha para dentro. Eu adorava.”

Antes de trabalhar com o grupo, Maria Noeli, que estudou até o Ensino Médio, trabalhou em uma tecelagem, quando estava com 19 anos. “Trabalhei durante oito anos nesta empresa, só saí de lá porque fechou. Mas sempre fui de trabalhar, lutar pelo meu dinheiro.” Aos 32 anos de idade, ela casou, pois queria ter a sua família. Dois anos depois de casada, teve o seu único filho, o Paulo Rafael, que vai completar 18 anos. “Ele faz parte da banda Black Sul, junto com o meu marido e outros dois meninos, conta ela, orgulhosa. Para Maria Noeli, o apoio da família vai além do trabalho. “Eles dão uma ajuda psicológica muito grande. Se eu tiver que sair e deixar uma torta para ele fazer, não preciso me preocupar, porque ele faz. A família é uma base muito importante.”

Religiosidade

Embora seja batizada na Igreja Católica, há mais de 10 anos Maria Noeli frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus, com a sua família. É lá que ela sempre encontra uma palavra de apoio quando mais precisa. “Tem sempre alguém que te escuta e tu sai de lá confortado.”

Política

Desde que o presidente Lula está à frente do Brasil, a situação está mais favorável, na opinião de Maria Noeli. “Ele está pensando mais no povo que não tem condições, através de projetos sociais. A cidade de São Leopoldo, com a chegada do PT, também mudou bastante. Gente que não podia comprar hoje está comprando. Há mais oportunidades para o sustento.”

IHU Repórter

Dagmar Sordi

POR BRUNA QUADROS

Foi ainda na infância que Dagmar Sordi teve um despertar para o seu futuro profissional. Ao visitar a redação da revista IHU On-Line, ela contou que, ainda criança, quando ficava em colônias de férias, gostava de cuidar das pessoas. “Eu era a enfermeira.” Além disso, ela e seu irmão faziam “cirurgias” em passarinhos. Quando ele ingressou na faculdade de medicina, Dagmar escolheu a sua trajetória: seria mesmo uma enfermeira. Ao longo da vida, descobriu que também gostava da área de gestão. Atualmente, ela é coordenadora do curso de Administração, na Unisinos. Acompanhe os relatos de vida desta mulher:



BRUNA QUADROS

Origens - Nasci em Porto Alegre. Minha mãe era professora e meu pai, militar. Quando eles saíram de Passo Fundo para ir para a capital gaúcha, eu já tinha um casal de irmãos. Fui uma criança doente ao nascer, com anemia e alergias. Seis anos depois, nasceu a minha irmã. Somos uma família bem grande – quatro filhos – e muito unida. Minha avó materna foi a grande matriarca da família, porque minha mãe e meu pai trabalhavam fora.